

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

GENI MARTINS MESQUITA

**MAPAS MENTAIS E ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA
MUNICIPAL INDÍGENA PÓLO MARCOLINO LILI, ALDEIA LAGOINHA,
AQUIDAUANA - MS**

AQUIDAUANA, MS

2019

GENI MARTINS MESQUITA

**MAPAS MENTAIS E ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA
MUNICIPAL INDÍGENA PÓLO MARCOLINO LILI, ALDEIA LAGOINHA,
AQUIDAUANA – MS**

Dissertação apresentada como exigência do curso de
Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra.
Eva Teixeira dos Santos.

AQUIDAUANA, MS

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidata: **Geni Martins Mesquita**

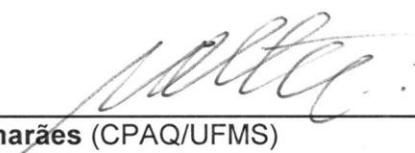
Dissertação defendida e aprovada em 26 de março de 2019 pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. **Eva Teixeira dos Santos** (Orientadora)



Prof. Dr. **Ricardo Lopes Batista** (CPAQ/UFMS)



Prof. Dr. **Valter Guimarães** (CPAQ/UFMS)

“É preciso lembrar que ninguém escolhe o ventre, a localização geográfica, a condição socioeconômica e a condição cultural para nascer. Nasce onde o acaso determinar. Por isso, temos que cuidar de todos aqueles que estão em todos os recantos deste planeta”.

Aziz Ab’Saber

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Aquidauana, pelo acolhimento e incentivo à pesquisa, depois de tantos anos de afastamento.

A professora, Dra. Eva Teixeira dos Santos, minha orientadora, e amiga, meu esteio, por ser uma referência ímpar na pesquisa e aceitar compartilhar comigo as dificuldades encontradas pelo caminho, com seus ensinamentos, me auxiliando, e ajudando em todos os momentos do nosso trabalho. Sem Ela não poderia ser feito.

A todos os professores que fizeram parte desta nova etapa da minha vida: Dr. Valter Guimarães, Dra. Lucy Ayach, Dr. Eduardo Salinas, Dr. Emerson de Figueiredo, Dra. Edna Facincani, Dra. Vicentina de Assunção e Dr. Jaime Ferreira da Silva.

Ao professor Paulo Roberto Jóia pelos incentivos.

A meus queridos e amados pais e irmãos pelo incentivo e perseverança em todos os momentos da minha vida, transmitindo ânimo e força para atravessar qualquer obstáculo.

A Diretora da Escola Municipal Indígena Marcolino Lili, professora Matilde Miguel e ao coordenador professor Delio Delfino sempre incentivando o nosso crescimento profissional e por abrir as portas da Escola para que esse trabalho se realizasse.

A meu esposo Miguel Ângelo pelo incentivo em todos os momentos, pela paciência e pelo carinho. A minha afilhada Naieli Olidon pela ajuda em momentos complicados e pelo incentivo.

A meus queridos amigos Lucimara dos Reis Machado, a Elisangela Albuquerque e a Geovandir Lordano por todos os ensinamentos, pela paciência e pelo carinho para comigo, com os assuntos aos quais eu tinha dificuldades.

RESUMO

Muitas atividades desenvolvidas nas escolas indígenas nem sempre vêm a público, como uma forma de partilhar seus trabalhos, anseios e conquistas, demonstrando melhoria na qualidade de estudos do alunado em geral. O espaço geográfico muda constantemente, através dos ideais de transformações de cada ser humano, em determinados períodos do tempo. Busca se sempre melhorias para o bem social, sendo que muitas vezes sem pensar no espacial, se ele vai realmente suportar as mudanças ocorridas. O trabalho de pesquisa voltado a área indígena com uma clientela de 6º ano nos permite um maior interesse em saber como esses alunos passam da fase (1º ao 5º Ano), para o ensino fundamental, entendendo que neste intervir há muitas mudanças plausíveis, principalmente em relação às disciplinas estudadas. Neste contexto se faz presente a disciplina de Geografia como um instrumento de conhecimento do mundo em que vivemos. E é através dos estudos feitos a partir dessa disciplina que desenvolvemos o nosso trabalho de pesquisa, utilizando mapas mentais correlacionados aos conteúdos contidos no referencial curricular para os alunos egressos do 6º Ano de uma escola indígena. Tudo isso com a contribuição que esses nossos alunos tem de conhecimento vivido e percebido em suas terras indígenas. É perceptível que quando há interesse e participação da comunidade envolvida o tema em questão que parecia um monte de palavras sem sentido, um texto de geografia, por exemplo, passa a ter vida dependendo da forma metodológica que se procura aplicar para compreender o texto em si, de forma mais ampla e prazerosa. O trabalho em qualquer instância ou lugar desse nosso Brasil só se fará presente com atitudes não tão inovadoras, mas acrescidos de tempo, dedicação e carinho com as nossas crianças, para que sejam capazes de transformar o mundo em que vivemos, fazendo a diferença através da educação escolar. Os mapas mentais confeccionados pelos alunos foram de extrema importância para os mesmos, no entendimento da matéria estudada e na própria confecção, interagindo uns com os outros, e na oralidade, com a apresentação dos trabalhos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Mapas Mentais, Estudantes Indígenas

ABSTRACT

Many activities carried out in indigenous schools don't always come out as a way to share their work, concerns and achievements as a way to demonstrate the improvement in the quality of studies of students in General. The geographical space constantly changes, through the ideals of transformations of each human being, in certain periods of time. Always Seek improvements to the social good and being that many times without thinking about space, if it will actually support the changes. The research work focused on indigenous area with a clientele of sixth grade allows us a greater interest in knowing how these students pass the stage (1st to 5th grade), for elementary school, understanding that there are many plausible changes in intervene, especially in relation to the subjects studied. In this context is present the discipline of Geography as an instrument of knowledge of the world in which we live. And it is through the studies done from this discipline that we develop our research work, which was to use mind maps correlated to the content contained in the curriculum frame for students graduating from the sixth grade at a school. All this with the contribution that these students have experienced and perceived knowledge in their native lands. It is noticeable that when there is interest and community participation involved the issue at hand that looked like a lot of meaningless words, a geography text, for example, is life depending on the methodological way to apply in order to understand the text itself, more broadly and enjoyable. The work in either instance or place of our Brazil will only present with not so innovative attitudes, but with time, dedication and caring for our children, so that they are able to transform the world in which we live, making a difference through school education. The mind maps made by the students were of extreme importance for the same, the understanding of the subject studied and on own manufacture, interacting with each other, and orality, with the presentation of the work.

Keywords: Teaching Geography, Mindmaps, Indigenous Students

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa da localização das Aldeias.....	38
Figura 02: Distâncias	39
Figura 03: Mapa de localização da Aldeia Lagoinha – Distrito de Taunay.....	40
Figura 04: Alunos da Turma 6º Ano – 2017.....	46
Figura 05: Alunos da Turma 6º Ano 2018.....	48
Figura 06: E. M. I. P. Marcolino Lili.....	52
Figura 07: Sala de Livros e banheiro professores.....	52
Figura 08: Salas de aula do 6º e 7º Ano.....	52
Figura 09: Quadra de esportes coberta.....	53
Figura 10: Vegetação.....	53
Figura 11: Aspectos da Lagoa.....	54
Figura 12: Palestra do Coordenador falando sobre a Lagoa.....	55
Figura 13: Mapas mentais sobre Localização da Escola Marcolino Lili.....	56
Figura 14: Mapas Mentais sobre Localização da Escola Marcolino Lili.....	59
Figura 15: Mapas Mentais: Paisagem Natural e Cultural.....	62
Figura 16: Mapas Mentais: Paisagem Natural e Cultural.....	65
Figura 17: Mapas Mentais: Organização do espaço.....	67
Figura 18: Mapas Mentais: Organização do espaço.....	69
Figura 19: Mapas Mentais: Espaço Urbano e Rural.....	72
Figura 20: Mapas Mentais: Espaço Urbano e Rural.....	75
Figura 21: Mapas Mentais: Percurso Casa / Escola.....	79
Figura 22: Mapas Mentais: Percurso Casa / Escola.....	81

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1- Cultura Indígena.....	14
2.2- O contexto da Educação Indígena.....	16
2.3- Espaço habitado e vivido.....	23
2.4- O ensino da Geografia segundo alguns autores.....	26
2.5- Mapas Mentais.....	32
3. METODOLOGIA.....	37
3.1 Localização e caracterização da área em estudo.....	37
3.2 Procedimentos metodológicos.....	41
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.	50
4.1 Dificuldades encontradas na assimilação dos conteúdos.....	50
4.2. Trabalhando os mapas mentais na prática escolar	50
4.2.1 Mapas mentais: Localização da Escola	51
4.2.2 Mapas Mentais: Estudo de paisagens.....	61
4.2.3 Mapas Mentais: Organização espacial	67
4.2.4 Mapas Mentais: Espaço Urbano e Rural	71
4.2.5 Mapas Mentais: Percurso Casa / Escola	77
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo atravessa modificações econômicas, sociais, culturais e políticas. Vive-se num momento histórico intensamente marcado pela internacionalização, globalização e tecnologia com o processo da universalização da cultura, dos produtos, das trocas, dos custos e do capital.

Como educadores não devemos confundir o termo informação com conhecimento, mesmo que, andem juntos, não são palavras sinônimas. As informações são fatos, expressões, opiniões, que chegam as pessoas por ilimitados meios sem que se saibam as consequências que acarretam. O conhecimento é a compreensão da procedência da informação, de sua estrutura e dinâmica própria, exigindo para isso certo grau de racionalidade. A apropriação do conhecimento é feita através da construção de conceitos, que possibilitam a leitura crítica da informação, processo necessário para absorção da liberdade e autonomia mental. Desta forma Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009 p. 261 - 262) argumentam sobre o papel desempenhado pela escola:

A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das varias modalidades de linguagens como instrumento de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender.

Sendo assim, cabe ao professor de qualquer disciplina motivar o aluno a reconhecer a importância dos estudos como uma tarefa significativa, interessante e atrativa a seus olhos. Saber ler e interpretar textos ou documentos é um requisito indispensável para os estudantes em todas as disciplinas escolares e em todos os níveis de conhecimento. Segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009 p. 221) “um texto constitui, portanto, uma mensagem codificada, e sua leitura implica a decodificação da mensagem pela compreensão e acompanhamento do raciocínio do autor”. Atualmente, essa idéia apresentada é essencial, como a leitura como uma forma de interpretar e entender o mundo em que vivemos.

Levantar todos os dias às quatro horas da madrugada, durante sete anos, com um planejamento que se adapte a realidade de um aluno de uma comunidade (indígena) um tanto quanto diferente daquela vivenciada na cidade ou em um espaço rural, fez surgir várias ideias ao longo desses anos, surgiram com os mais variados questionamentos: Como ensinar Geografia em uma localidade onde os valores culturais são diferentes? Onde se fala a língua materna e o português? Como ensinar a Geografia que vem pré-determinada nos currículos e adequá-las da forma com que o educando familiarize o conteúdo com uma prática pedagógica

diferenciada, e que o mesmo consiga vivenciá-la em seu território de forma concreta? Como estimular o interesse e o comprometimento dos alunos no contexto que envolve o ensino de Geografia no cotidiano de uma área indígena?

O diagnóstico levantado em relação à ciência geográfica, quando se coloca em questão a problemática de se fazer a leitura de textos, se apresentam bastante complexa e muito extensos para que haja um interesse de realizá-la de forma global, vivenciados nos currículos e trazer para a realidade mais prazerosa, acompanhada dos conhecimentos que são advindos da vivência familiar. Cada disciplina tem suas exigências diante de seu principal objeto de estudo e das linguagens que permitem o entendimento dele. Em Geografia existe a linguagem textual, e deve conter também outras linguagens para contribuir com aquilo que se deseja ensinar. As representações gráficas e cartográficas são importantíssimas para a ampliação dos conhecimentos espaciais tanto no cotidiano de vivência, como no espaço global.

O Brasil possui uma grande extensão territorial, constituído por diversas realidades e culturas muito diferentes entre si. Sendo assim, há a necessidade de que o professor saiba relacionar os conteúdos com as imagens do livro, ou até mesmo os alunos através, por exemplo, da metodologia dos mapas mentais.

Segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009 p. 292) a utilização das representações espaciais como instrumento para aprender e compreender a organização do espaço tem sua origem na geografia humanista. Nessa busca constante por melhores maneiras de se estudar a Geografia fazendo com que o aluno se interesse pela leitura, propôs-se a utilização dos mapas mentais como forma metodológica para se trabalhar temas que estão contidos nos currículos como regra geral.

Neste contexto, esse trabalho é o reflexo da curiosidade da própria pesquisadora em obter respostas a algumas questões relevantes ao ensino de Geografia. Discussão sobre como se encontra o interesse do profissional, de como oferecer a sua clientela estudantil uma maneira de ofertar e agregar valores a todos o conteúdos ministrados em Geografia. O que deve conter no currículo com o que é possível apresentar como novas formas de metodologias alternativas.

Assim, o trabalho teve como objetivo geral: analisar o potencial do trabalho das metodologias ativas como os mapas mentais, no ensino de geografia para o aluno do 6º Ano do ensino fundamental em uma Escola Indígena do Município de Aquidauana – MS; e como objetivos específicos: identificar os conteúdos que apresentam maiores dificuldades apresentadas pelos alunos na aprendizagem de Geografia, bem como seu entendimento na aula expositiva e/ou metodologias teóricas e práticas; propor atividades que permitam aos alunos desenvolver habilidades e noções conceituais através do desenvolvimento de mapas mentais;

produzir mapas mentais, a partir dos temas contidos no referencial curricular de Geografia e que possam estar auxiliando as aulas de Geografia;

Os objetivos seriam os mais diversos. Quando o planejamento tem um propósito de fazer leitura de um texto, que está contido no livro didático, buscando compreender o que compreende. Que haja um maior interesse pela aula da Geografia em seus diferentes níveis de entendimento, como fazer a interpretação de um texto que fale sobre as diferentes paisagens e relacioná-la ao contexto municipal ou local.

O trabalho ficou dividido em 4 capítulos, iniciando com introdução. No segundo capítulo se faz uma abordagem bibliográfica em relação ao ensino de Geografia retratando-a como campo de conhecimento e relacionando assuntos como: a cultura indígena; o contexto da educação indígena; espaço habitado e vivido; o ensino da Geografia segundo alguns autores e por fim mapas mentais.

Assim, são correlacionados assuntos referentes à educação indígena no contexto municipal, levando em conta a cultura indígena (língua, hábitos e costumes) e professores que se destacam no cotidiano de suas salas de aulas por apresentar instrumentos de trabalho diferenciados. Fazendo uma abordagem de como é referendado o espaço do Ser humano, verificou-se que através do espaço vivido, habitado e transformado pelo ser humano ao longo dos tempos e em níveis, a existência de consideráveis transformações socioespaciais.

O próximo capítulo contextualiza metodologicamente como foi feito e elaborado todo o processo da pesquisa, da teoria e do trabalho de campo.

No capítulo seguinte são apresentados os resultados e discussões, os mapas mentais confeccionados pelos alunos e as análises dos mesmos, que foram elaborados pelos mesmos, correlacionando com o currículo de Geografia para o 6º Ano do ensino fundamental.

Enfim têm-se as considerações finais que não nos remetem a busca final de um estudo em si, mas que abre as portas para que outros trabalhos transformem a vida do estudante em algo mais prazeroso, e que faça o aluno perceber o quanto é importante o estudo da Geografia para si e para sua vida em comunidade ou fora dela.

2 – REVISÃO DA LITERATURA

2.1 - Cultura Indígena

A geografia escolar trabalha tanto o social como o natural, procurando integrá-los. A educação escolar indígena tem uma realidade singular, requer uma pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade.

A permanente construção de sociabilidades entre as comunidades indígenas pode se colocar como um importante dado para a leitura das representações e percepções de espaço e de ambiente. Para Vargas (2008, p. 95), “os traços socioculturais que ligam o Terena à tradição cultural dos povos Aruaque são: agricultura como base da economia; a estrutura social fortemente patrilinear e a abertura da sociedade para o exterior”.

Segundo Vargas (2008, p. 112):

Finalmente, as características ainda vivas e a memória a ser recuperada pelos Terena, desde a língua ate as atividades econômicas hoje mais degradadas, podem ser a melhor fonte para os interessados possam pensar um projeto educacional fundado no respeito humano e ambiental.

As famílias Terenas que vivem da agricultura não conseguem ter dela uma renda mínima necessária para manter durante todo o ano seu grupo comunitário. Para que suas roças fossem bem-sucedidas, é necessário que as lideranças e órgãos públicos mantenham-se aliados para que sempre esteja à disposição da comunidade: tratores em condições de uso, sementes para o plantio e o diesel.

Bergamaschi (2012, p. 7) relata que “o respeito aos povos indígenas supõe conhecê-los, a fim de reconhecê-los nos seus modos de viver”. Todas as contradições advindas de tempos passados a respeito das populações indígenas devem ser retratadas a fim de poder realmente entender e compreender o que de fato essas populações buscam nos dias atuais.

Segundo dicionários da língua portuguesa, a palavra índio significa nativo, natural de algum lugar. Essa designação advém da viagem que Colombo fez em 1492 para as Índias e acabou chegando à América, sendo atribuído a estes habitantes a denominação genérica de índios. Segundo relatos de Bergamaschi (2012 p. 8) cada “índio” pertence a um povo, identificado por uma denominação própria, como Guarani, Charrua e Kaingang, etnias indígenas que vivem no Rio Grande do Sul. As populações vivem próximas e, em alguns casos inseridos na sociedade não-indígena. É o caso das Terras Indígenas Taunay-Ipegue, que abrange o Distrito de Taunay e as Aldeias Imbirussu, Água Branca, Lagoinha, Bananal, Colônia Nova e Ipegue, e Limão Verde, que se encontram situadas dentro do limite do Município de Aquidauana.

Quando indagados sobre o motivo pelo qual hoje alguns grupos indígenas vivem nas cidades ou próximas deles, Bergamaschi (2012 p.9) nos diz que “os mais antigos falam que Deus criou o Mundo e o dividiu em duas partes: o mato para os Guarani e os campos para os Juruá (não indígenas) que começaram a criar muito gado”. Nessa concepção com o passar dos tempos os Juruás começaram a derrubar as matas para criar mais gados e acabou criando também às cidades; fazendo com que o espaço que era designado para os Guaranis ficassem cada vez menores e restritos. É o que ocorre na atualidade, os indígenas ficam confinados em pequenas porções do espaço, afastadas um pouco da cidade, por esse motivo alguns acabam migrando para as cidades, pois aquele espaço ficou restrito e não há como sobreviver somente ali. E nessa convivência levando em conta a maneira devastadora de como o Juruá historicamente se relacionam com a natureza, desmatando, poluindo e em contrapartida, aprendemos mais sobre essa nossa ancestralidade, quando há essa aproximação espacial entre indígenas e não indígenas.

Segundo Souza (2012, p. 17):

O ensino de conteúdos relativos à história e cultura dos habitantes originários da América do Sul nas escolas do país e, de maneira mais imediata, uma medida compensatória pensada para auxiliar na reversão da posição estrutural degradada dos ameríndios no seio da sociedade nacional e para tentar, minimamente, redimir as dívidas históricas acumuladas pela civilização brasileira sobre os povos originários americanos.

Sabemos que todos os saberes e fazeres dos povos originários ficaram reprimidos, escondidos durante muitos séculos pelos poderes existentes, e as escolas só serviam de instrumentos para justificar essas situações de abandono e negligências que ocorriam nesse espaço. Tudo acontecia em benefício de um tal processo de civilização proposto pelo homem branco, em detrimento de um pensamento individualista de querer ser superior.

Segundo Souza (2012, p.18) “desde a Constituição Federal de 1988, os direitos originários foram consolidados de maneira especial no novo enquadramento pluriétnico e intercultural da sociedade brasileira”. Passaram a ser reconhecidos como seres autônomos, com total capacidade de delimitar o respeito a seus valores e interesses sociais e culturais específicos. Mesmo movendo inúmeras batalhas em busca de sua autodeterminação, os laços coloniais ainda se fazem presentes no cotidiano de muitas dessas populações, muitas vezes no seio da própria comunidade indígena, instigados pelo poder. Acreditando ser os povos originários apenas meros objetos do passado, que um dia irão desaparecer, desacreditando os sonhos e esperanças de um povo que há muitos anos se fazem presentes nessas terras.

Se analisar os indígenas, historicamente e nos dias atuais, não se constituem em um grupo étnico somente. Observa as estruturas físicas podem ser bastante variáveis, como cor da pele, altura, cabelo. Os costumes e hábitos também são muito variados entre os vários grupos indígenas existentes principalmente no Brasil. Sendo assim, há a necessidade de se atentar a novas maneiras de como trabalhar com toda essa diversidade que existe no seio da educação brasileira, com novas metodologias de ensino que nos dê um norte para trabalhar a Geografia de forma mais dinâmica e prática.

2.2 – O contexto da Educação Indígena

O interesse por novas metodologias de ensino para as aulas de Geografia traz um novo sentido voltado para um modelo mais prático e abrangente da realidade dos alunos das escolas indígenas. Buscando a partir da geografia, intercalar conhecimentos próprios com os conhecimentos específicos de cada matéria, interagindo uma disciplina com as demais.

No passado as tribos indígenas viviam em seus habitat naturais sem a interferência do homem branco, com seus usos e costumes diferenciados. Com o passar do tempo e o surgimento de novas tecnologias houve a necessidade de constituir novas formas de relacionamento com os diversos segmentos sociais, para assim poder fazer parte do processo integral e das tomadas de decisões. Como afirma Mesquita, (2009, p. 1):

A relação de contato, com as demais sociedades, perdeu a conotação ameaçatória e assumiu caráter indispensável para a sobrevivência das tribos na era da globalização. Anteriormente, o isolamento geográfico propiciava o isolamento social, hoje o desenvolvimento tecnológico, a formação circunda o mundo, e não há como privar o povo indígena do conhecimento e do seu direito a participação no cenário mundial.

Desde o início das discussões sobre a melhor escola para as comunidades indígenas, muito se tem questionado sobre as diferenças da educação indígena e educação escolar indígena. A educação indígena não se encerra na escola, vai muito além dos portões escolares, ainda mais em uma comunidade bilíngüe (que fala o português e a língua materna, o Terena). É aquela que os alunos trazem de casa, os conhecimentos adquiridos com os anciãos, seu conhecimento sobre a natureza, sua cultura, língua e história de vida presente e passada. Já a educação escolar indígena tem que estar respaldada a segmentos próprios que poderão fomentar a busca de novos objetivos a esses alunos, conseguindo se inserir em qualquer instituição de ensino. Precisa estar presente no currículo próprio da Aldeia, feita e aprovada pela comunidade, com conteúdos que acharem necessário a escola, aprovada e deliberada pelos mesmos, e não aquela que é imposta e, que é estabelecido no currículo da cidade, feita pelo homem branco.

Segundo Cohn (2005, p. 3)

As diversas experiências concretas se vêm cada qual a seu modo, um desafio. Buscando oferecer às populações indígenas uma educação escolar de qualidade e possibilidade de continuidade, ou seja, que quando finalizado seus estudos na escola diferenciada, os alunos indígenas estejam capacitados a se inserir nas educações institucionais não-diferenciadas.

Tem-se o conceito de escola indígena diferenciada em termos institucionais, mas o que apregoa é uma escola diferenciada, com um currículo baseado nas escolas de ensino normal. Ficam de fora os conhecimentos advindos de pessoas mais antigas das aldeias, seus usos e costumes acabam se perdendo no tempo e no espaço. Muito tem se cobrado sobre esse ensino diferenciado nas escolas indígenas.

Cardoso (2016) apresenta uma narrativa sobre o trabalho feito com mapas mentais com alunos, realizados em três contextos diferentes: escola indígena, escola Pantaneira e escola da Cidade e argumenta que:

[...] há de se pensar a partir das observações que a “cultura diferente” está sendo alfabetizada pelos preceitos da cultura hegemônica, que promoveu historicamente um processo de perda de identidade dos indígenas, ressignificando-a nas escolas, até nas indígenas, o “dia do índio” trata a cultura de forma alegórica, com as ideias superficiais e mais usuais acerca da cultura indígena, sem reflexão que promova entendimento da história de ressignificação e dos conhecimentos tradicionais (2016, p.47).

Na realidade há uma conjuntura primordial em relação a população indígena que busca uma melhora em suas condições de vida, através da educação. Educação essa que permeia entre os conhecimentos advindos de casa, como indivíduo social e aquele primordial que é aprendido nas escolas. Dentro do contexto da educação indígena há o objetivo de que não percam o elemento essencial e diferenciador das populações que é a língua Terena. Mesmo essa busca constante por mudanças a sua origem será sempre a mesma, independente de suas conquistas, dentro ou fora do seu espaço de vivência.

De acordo com Kozel (2007) apud Cardoso (2016, p. 66),

No contexto da pesquisa, observou-se que o entorno dos estudantes influencia os mapas mentais, uma vez que esses foram analisados a partir da realidade espacial de cada aluno, sendo que alguns são bem enfáticos ao demonstrar o espaço do discente, diferenciando do estudante de outra escola. Isso se explica pelo fato dos signos serem construções sociais (Kozel, 2007, p.115), pois “os mapas mentais revelam a ideia que as pessoas tem do mundo e assim vai além da percepção individual refletindo uma construção social” (Kozel, 2007 p. 117).

A concepção de ensino dentro das escolas indígenas deve ser diferenciada, conforme os objetivos que almejam alcançar, mesmo tendo em vista que sua formação não vai acabar dentro desta escola diferente. Isso significa ter uma nova concepção da relação existente entre o sujeito social e o conhecimento adquirido dentro e fora da sala de aula. Segundo Magalhães e Neto (2013, p. 83):

A educação indígena se destaca como uma educação diferenciada, que é ao mesmo tempo, elaborada pelos próprios índios e reelaborada pelo governo junto aos povos indígenas, em um esforço para entender a realidade das comunidades tradicionais, incluindo suas culturas, a partir de suas concepções sobre aspectos da realidade coletiva e acerca de suas imagens de mundo.

A Constituição Federal de 1988, afirma que a educação é um direito público subjetivo, sendo responsabilidade do Estado a sua oferta gratuita. Como afirma Bonin (2012, p. 36):

O poder público não pode se furtar da responsabilidade da oferta educacional gratuita, inclusive às comunidades indígenas, para as quais a Lei assegura, também um tratamento diferenciado, admitindo que a educação é um processo que ocorre de modos distintos e por meio de pedagogias e instituições próprias em cada cultura...

A utilização de processos próprios de aprendizagem indígena terá que ser recriada em cada Aldeia (localidade), com o pensamento, suas tradições, culturas e línguas faladas. Todas essas concepções e valores devem ser específicas, justamente por haver muitas diferenças linguísticas dentro de um mesmo grupo indígena. Segundo Magalhães; Neto (2013, p. 84):

A geografia está presente no cotidiano de todos os atores escolares, todavia é pouco notada e é abordada em sala de aula sem sua relação com o cotidiano, o que desestimula o interesse nesse campo do conhecimento. Perceber como a geografia é tratada nas normas e leis institucionais para a educação indígena é entender como são formadas as bases da concepção da ciência geográfica e seus conceitos-chaves, dando possibilidades para compreendê-la no âmbito de um contexto educacional diferenciado, fornecendo subsídios para uma prática mais instigante dentro da sala de aula, além de ser básico na compreensão do espaço escolar indígena.

Normalmente os currículos e as práticas pedagógicas estão muito distantes dos alunos em uma escola indígena, pois eles pouco compreendem os conteúdos praticados em sala de aula. O professor acaba enfrentando o problema da falta de uma formação continuada, colocando-os em sintonia com aquela realidade, que no contexto geral deverá ser diferenciada, não perdendo o foco principal, o aluno. E a Geografia pode trazer através dos seus conhecimentos interdisciplinares o entendimento para o aluno compreender o mundo do seu ponto de vista local até o global.

Segundo Pereira; Nunes (2015, p. 5):

Para que essa escola apresente aspectos que são da cultura do próprio povo, a construção da escola deve ser feita pelos indivíduos que fazem parte desta

escola. Para isso, os professores, diretores, membros da aldeia e alunos devem, através de análises e diálogos, pensar em uma escola que supra as necessidades do povo, sem que com ela se perca a identidade da cultura desse povo.

Nos dias atuais percebe-se um distanciamento entre a legislação e a realidade das escolas indígenas. Busca através do convívio no seu território ocupado, tentando mesclar conceitos que são pertinentes a sociedade não indígena, perdendo o foco da educação escolar indígena, pois o currículo é baseado no que prevalece no meio urbano, deixando os conhecimentos próprios dos indígenas em segundo plano. Como corrobora Meira; Nunes (2015, p. 11):

O ensino da geografia aparece como um colaborador da educação escolar intercultural, pois é uma disciplina que possibilita desenvolver conhecimentos que incluem componentes tão diversificados, como o ambiente, a sociedade, a economia e a cultura, inerentes a cada território.

Todas as ações estabelecidas pelas crianças indígenas estão diretamente relacionadas com as relações culturais estabelecidas em sua aldeia. Uma das características principais da experiência educativa indígena está na interação entre a pessoa que aprende e a que ensina. Segundo Meliá (1979, p. 17) nesse sentido, “podemos assegurar que para a realização da Educação Indígena, não existe uma instituição responsável, esse dever é da família e da comunidade de uma forma geral”. A oralidade é extremamente fundamental para que os conhecimentos culturais e tradicionais dos mais antigos sejam repassados, principalmente aos mais jovens da comunidade.

Estudar a história e o modo de vida dos povos indígenas acabam nos aproximando cada vez mais de aspectos importantes da nossa própria vida passada. Dessa forma, os indígenas na atualidade buscam interagir com outras populações para compreender como funciona o sistema de vida fora da aldeia, mantendo relações estreitas de contato com outros povos. De acordo com Meliá (1979, p. 17):

A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. O fato dessa educação não ser feita por profissionais da educação, não quer dizer que ela se faz por uma coletividade abstrata. Os educadores do índio têm rosto e voz; têm dias e momentos; têm materiais e instrumentos; têm toda uma série de recursos bem definidos para educar a quem vai ser um indivíduo de uma comunidade com sua personalidade própria e não elemento de uma multidão. A educação do índio, nesse sentido, não é geral e muito menos genérica. A educação do índio é menos parcial do que a nossa, aplicando-se ao ensino e aprendizagem do modo de satisfazer às necessidades fisiológicas, como a criação de formas de arte e religião. Nem por isso se tem que pensar que o processo seja indefinido nos seus aspectos. Têm-se aspectos e fases da educação indígena que requerem mais tempo do que outros, mais esforço, mais dedicação, tanto no ensino, como na aprendizagem. Processo não é indiferente.

Devem ser levados em conta que a realidade de cada espaço ocupado, vivido e percebido pelo ser humano sofre as transformações para que tal comunidade possa estar inserida naquele contexto. Pensando nisso, alguns projetos acabam sendo construídos para melhor atender as pessoas que estão fora do alcance de suas relações com a comunidade local. Seja como participante ativo do conhecimento do próprio lugar ou até mesmo para passá-los a sua comunidade escolar. Informações que são propagadas para os mais jovens em determinados locais pelos anciãos, como por exemplo, a língua falada, as comidas típicas, as danças, os remédios, etc.

Meira (2016, p. 24) relembra que:

Temos que considerar que a escola não é uma instituição neutra e que quando levada às comunidades indígenas carrega consigo o discurso conservador e as características de uma cultura escolar urbana para qual foi instituída. A proposta da educação escolar indígena não consegue se desvincular da lógica de um conhecimento de verdade de formas de vida, para qual a escola foi criada e nesta perspectiva acaba por impor formas de conhecimento como únicas e verdadeiras aos povos indígenas.

Uma das conquistas mais recentes em se tratando de educação escolar indígena foi à criação do Projeto Povos do Pantanal, que se implantou na UFMS, Campus de Aquidauana em 2010 e a partir de 2011 com a primeira turma. Esse projeto busca a formação de professores indígenas para atuarem na educação básica em suas comunidades. É oferecer uma formação de licenciatura a partir de uma perspectiva intercultural.

Meira (2016, p.30) afirma que:

Entre as conquistas obtidas para a educação escolar indígena a partir do etnoterritório Povos do Pantanal, merece destaque a implantação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana, implantado em 2010, com ingresso da primeira turma em 2011. O curso denominado de Projeto de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal tem por meta atender o contexto das etnias: Atikum, Ofaié, Kinikinau, Kadiwéu, Guató e Terena.

Esse curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” já está colhendo seus frutos. Existem professores formados por esse curso ministrando aulas de Geografia, História, Matemática, Português e Ciências nas aldeias indígenas do Município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul.

Na atualidade as comunidades indígenas estão buscando melhores condições de vida, e sabem que é através da educação que as conquistas e os desafios vão aparecendo. E para se inserir nessa atualidade não precisa necessariamente mudar drasticamente seus modos de vida, uma vez que hoje existem melhores condições de estudos, praticamente as aldeias estão mais

próximas da realidade ou até mesmo as condições para que esse processo ocorra de forma mais prazerosa. Para que todo esse processo ocorra há a necessidade de um interesse cada vez maior por parte de todos para que não existam diferenças entre os povos. As oportunidades devem surgir independentes de cor, raça, religião ou cultura que se tem. Buscando interagir de uma maneira simples e objetiva.

Segundo Luciano (2006, p. 27):

As comunidades, os povos e as nações indígenas são aquelas que, contando com uma continuidade histórica das sociedades anteriores à invasão e à colonização que foi desenvolvida em seus territórios, consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade e estão decididos a conservar, a desenvolver e a transmitir às gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica, como base de sua existência continuada como povos, em conformidade com seus próprios padrões culturais, suas instituições sociais e seus sistemas jurídicos.

Na estruturação e no funcionamento das escolas indígenas, é reconhecida a sua condição de possuidores de normas e ordenamento jurídico próprios, com ensino intercultural e bilíngue, visando à valorização plena das culturas e dos povos indígenas e a sua afirmação e manutenção de sua diversidade étnica, como as danças as comidas típicas e o artesanato. Como argumenta Luciano (2006, p. 129) em relação à educação indígena e educação escolar indígena:

Assim, a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores. A educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global.

O mesmo autor também faz uma análise positiva em relação a educação indígena diferenciada, trazendo um novo olhar das comunidades indígenas para as não comunidades indígenas. Segundo Luciano (2006, p. 156):

A grande importância inicial da proposta de educação escolar indígena diferenciada, com sua educação intercultural e educação bilíngue ou plurilíngue, foi ter trazido ideias e propostas concretas que alimentaram o ânimo, a motivação e a esperança dos professores e das lideranças indígenas emergentes. As ideias serviram como valioso argumento para marcar posição política e uma razão necessária para capitanear o apoio dos povos e das comunidades indígenas em favor das lutas mais amplas do que aquelas que as emergentes organizações indígenas estavam desenhando e implementando, como a defesa da terra e a (re) valorização cultural.

Como resultados dos movimentos feitos pelos povos indígenas, o que se evidencia nos dias atuais é uma concepção que mais diz respeito à vontade deles, do indivíduo, sujeito da história, como um ser que continua sendo indígena e que compartilha com os demais povos não indígenas dos seus objetivos. Como salienta Bergamaschi (2012, p. 07):

O que possibilita o diálogo étnico-cultural, cuja condição básica para que se concretize é o reconhecimento do outro como interlocutor legítimo, embasando a interação no respeito a esse outro com o qual nos dispusemos a dialogar. Os indígenas são povos que contribuem decisivamente para nosso país apresentar essa diversidade étnico-cultural que constitui uma riqueza ímpar no planeta.

Uma educação diferenciada está na pauta da luta dos educadores indígenas. Existe a necessidade de incentivar as novas gerações para a pesquisa dos conhecimentos tradicionais, junto aos anciões, para que sua identidade, suas tradições e costumes não se percam, principalmente no que diz respeito a língua materna.

De acordo com Jordão (2014, p. 2):

O processo de inclusão das escolas indígenas no sistema de ensino oficial como escolas específicas, diferenciadas e interculturais, deverá ter como eixo central o protagonismo indígena. Para isso é necessário a implementação de políticas de educação escolar indígena a partir de perspectivas indígenas e o fortalecimento de movimentos e organizações indígenas na luta pela consolidação da legislação vigente. Os sistemas de ensino por sua vez têm um grande desafio de lidar com este novo processo de escolarização e as necessidades dos diferentes povos indígenas.

Podemos observar as sociedades indígenas interessadas em conhecer o modo de vida do não indígena e o contrário também acontece principalmente os professores não indígenas desenvolvendo propostas didático-pedagógicas mais condizentes com a realidade atual dos povos que constituem essa grande diversidade cultural brasileira, sendo necessárias informações a respeito da vida da comunidade indígena.

Dessa forma, será possível o resgate e a manutenção da cultura indígena em suas aldeias. O legado que cada comunidade deixa a seus descendentes está relacionada a maneira como mantêm a cultura, língua, hábitos e costumes, pois precisam ser passados de geração a geração. O principal elemento que deve estar presente em uma cultura é a língua. Muitos alunos atualmente não falam, mas tem seus motivos, como a preocupação que os pais tinham quando seus filhos fossem para as cidades, não saberiam falar o português. Nos últimos anos está presente nas escolas o ensino da língua materna tanto nos anos iniciais como finais do ensino fundamental, como forma de preservá-la. Alguns professores indígenas são falantes na língua materna, passando por concurso restrito a essa área, Língua Terena.

2.3 - Espaço habitado e vivido

O espaço que o ser humano ocupa atualmente não é mais o mesmo de antigamente. É dinâmico, mutável com todas as características que hoje o homem considera como necessário. Assim, o ser humano passa a ser visto como o principal intermediário na concepção do lugar habitado e vivido, não podendo ser meramente um ponto na superfície. Tendo, sobretudo maneiras muitas vezes impensadas em relação à transformação que ocorrem em determinados locais. De acordo com Milton Santos (1988, p.14) “o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado”.

Milton Santos (1988, p. 14) ressalta a ideia de que:

Espaço habitado e ecúmeno são sinônimos. Essas expressões fazem parte da linguagem da geografia e das outras disciplinas que estudam o território, mas já invadiram o vocabulário do homem comum. Em nossos dias, como já dizia, há anos, o grande geógrafo francês Maximilien Sorre, "o fato capital é a ubiquidade do homem", capaz de habitar e explorar os mais recônditos lugares do Planeta. Poder-se á, sem dúvida, lembrar as viagens interplanetárias e o passeio do homem sobre a Lua, como conquistas recentes do gênio da espécie. Mas a Terra segue sendo a morada do Homem.

No contexto de existência, hoje não há como comparar todos os espaços habitados pelo ser humano, levando-se em consideração que a paisagem não é estável, sua tendência é que haja modificações mesmo nos lugares mais afastados um do outro. A paisagem e o espaço são diferentes um do outro, eles se complementam e se opõem ao mesmo tempo.

Em relação ao lugar de existência Milton Santos (1988, p. 21) argumenta:

Mas nenhum lugar pode acolher nem todas nem as mesmas variáveis, nem os mesmos elementos nem as mesmas combinações. Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneiras particulares variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares. O acontecer global dá-se seletivamente, de modo ímpar, ainda que sempre comandado pela totalidade, e é isso o que nos leva imperativamente à necessidade de atentar para a história concreta do hoje, da comunidade humana, sua atualidade, não importa o lugar particular onde o novo se mostre.

Passamos por processos que nos nocautearam em períodos passados, deixando marcas profundas no estabelecimento de uma disciplina arraigada em valores que não condizem com a atual realidade. Segundo Lacoste (1988 p.5) “afinal o conhecimento era apresentado ao aluno como um conjunto de verdades imutáveis, desvalorizando o saber do aluno e sua realidade”. Toda essa teoria hoje cai por terra. Através da Geografia percebemos um mundo totalmente mudado, e não há como dizer que nada muda. Nos dias atuais todas as informações podem ser motivos de mudanças em todos os aspectos e a qualquer momento e em qualquer espaço.

É percebido que a paisagem, o lugar e o espaço são sentidos de maneiras diferenciadas, cada qual tem o seu real significado dentro do contexto da Geografia. Todas as instituições de ensino estão inseridas em um determinado lugar por apresentar características próprias. Nesse contexto Lacoste (1988, p. 9) aponta para a ideia de que:

As instituições escolares deviam desenvolver funções sociais inovadoras para preparar a percepção, a inteligência criadora e a capacidade de ação do homem para um universo social que requer um complexo horizonte, no qual a racionalização crescente da imaginação do pensamento e do comportamento deixe como herança para uma nova ordem, cidadãos críticos, que questionam o sistema e que vão à luta em busca de um ideal. A geografia poderia contribuir para o despertar desses ideais. Ela deixaria de ser vista como uma disciplina sem fundamento e acessória e poderia passar a ter reconhecimento como uma das principais disciplinas escolares melhor capacitadas para colaborar na formação de cidadãos críticos.

Na base do pensamento em como ensinar a Geografia de maneira mais dinâmica possível em sala de aula existe a necessidade de saber a importância que a escola tem para todas as pessoas de um modo geral. Sua importância como espaço vivido e habitado por pessoas que agregam valores. Levando-se em conta que é um lugar do saber, aprender e compreender, considerando todos os conhecimentos advindos de fora dessa instituição, tanto por parte dos alunos, dos professores e da comunidade em que está inserida. E que de acordo com Resende (1986, p. 36):

Propõe um novo ensino alternativo de geografia crítica para alunos das camadas populares, tomando como ponto de partida, no ato de ensinar, o saber que o aluno trabalhador traz consigo e sua história de vida, numa relação dialética entre a realidade e o conhecimento. Por isso, Márcia Resende critica, com fundamento, a concepção tradicional positivista do espaço e aponta direções para o ensino de uma Geografia em que o aluno é visto, não como objeto, mas como sujeito do processo ensino-aprendizagem.

Richter (2011, p. 16) argumenta que “como qualquer outro campo científico que faz parte dos saberes curriculares da escola, essa disciplina busca proporcionar ao aluno um novo olhar sobre o seu contexto sociocultural”. E para a Geografia, esse olhar está relacionado ao estudo do espaço, é o mesmo vivenciado ao longo de sua vida, transformando de acordo com suas necessidades básicas, ainda mais se for um local pequeno como uma aldeia por exemplo.

Assim sendo, Richter (2011, p. 54), diz que “se o homem transforma o seu meio e a si próprio, os elementos, os objetos que são resultados de sua ação, sofrem, igualmente, essa modificação”. O ser humano evolui conforme vai modificando o seu pensar em relação a tudo o que acontece a sua volta, o seu espaço vivido e percebido.

Segundo Malanski (2013, p. 24):

O modo como as pessoas se relacionam com os lugares (espaços vividos) varia. Pode haver laços de afeto ou de recusa, pertencimento ou não para com

lugares. Avaliar como as pessoas respondem aos seus espaços necessita conhecer os tipos de atividades que ocorrem neles. A existência de uma barreira cultural que iniba identidades específicas dificulta a apropriação do espaço pelas pessoas que o vivem. Assim, os não lugares precisam apenas ser identificados para os fins a que se dedicam.

O ser humano passa a ter vínculos mais fortes com as áreas habitadas e transformadas por ele em determinados momentos de sua história. Porém não devemos imaginar que esse lugar vai continuar da mesma forma durante muito tempo. Segundo Malanski (2013, p.28):

O espaço, para se tornar um lugar (simbólico e identitário), deve passar por uma relação afetiva e política de apropriação e significação por pessoas de um grupo cultural. Por outro lado, um lugar influencia na construção de identidades culturais, pois afirma sua identidade com uma instituição dotada de normas, valores e princípios.

As transformações ocorridas no tempo e no espaço no decorrer dos anos acontecem devido às múltiplas transformações causadas pelo homem. Em sua infinita vontade de adequar esse espaço as suas necessidades essenciais o homem acaba modificando-o através do seu trabalho. E segundo Claval (2010 p. 19) “todas as sociedades para viver dispõem, por conseguinte, de métodos graças aos quais os seus membros conseguem localizar, reconhecer e se dirigir aos seus destinos”.

Saviani (1944, p.11):

Com efeito, sabe-se que, diferentemente dos outros animais, que se adaptam à realidade natural tendo a sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. Portanto, o que diferencia o homem dos outros animais é o trabalho. E o trabalho instaura-se a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Consequentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional.

Existem mudanças ocorrendo em todos os espaços geográficos possíveis e também nas maneiras de produzir e traduzir os conhecimentos adquiridos de forma diferenciada. O repassar desses conhecimentos também deve sofrer alterações, ou seja, mudar a forma de como ensinar um determinado assunto em épocas diferentes.

Para Gasparin; Petenucci (2005, p. 2):

Acreditamos que a metodologia utilizada nas escolas contribui muito para o sucesso ou fracasso do processo ensino-aprendizagem. Os educadores devido às informações recebidas até propagam um discurso próximo do ideal, porém em suas práticas não conseguem se desvencilhar das práticas que estão arraigadas no seu cotidiano.

Sendo assim, no contexto da educação indígena, também não será diferente, uma vez que as especificidades das escolas e vivências precisam ser consideradas.

2.4 - O ensino da Geografia na concepção de alguns autores

Unir o ensino e pesquisa significa caminhar para que a educação seja integrada, envolvendo professores e alunos numa criação do conhecimento humano compartilhado, onde ambos consigam aprender e ensinar de forma coerente e segura. Segundo Vesentini (1992, p. 15):

A geografia se fará diferente de acordo com o problema enfrentado e o engajamento do sujeito do conhecimento. E o ensino é cheio de desafios novos que qualquer modelo pronto vai ignorar. E se o professor não raciocinar em termos de ensinar algo, e sim de contribuir para desenvolver potencialidades do aluno, ele verá o conhecimento também é poder, serve para dominar ou combater a dominação, e que o educando pode e deve tornar-se co-autor do saber (com estudos participativos do meio, debates frequentes, textos e conteúdo adequados a realidade social e existencial dos alunos).

Nenhum espaço geográfico é igual, todos são ocupados e inseridos no contexto diferenciado de sua realidade, dependendo das comunidades que ali estão localizadas. Para Castrogiovanni; Callai; Kaercher (2014, p. 55), “as sociedades, ao longo do processo histórico, organizaram e reorganizaram o espaço, concomitantemente à transformação da natureza”. Entende-se que todos os espaços estão inseridos num contexto mundial e mais cedo ou mais tarde terão que estar inseridos no processo de globalização.

O conhecimento humano não se baseia somente no que o aluno aprende dentro de uma instituição de ensino. A base norteadora da educação é aquela que o indivíduo traz de sua própria vivência em casa, com os seus familiares. Segundo Vesentini (1992, p. 41):

Não é o conhecimento o ponto de partida da geografia crítica escolar, tal como foi na geografia tradicional escolar; seu ponto de partida e sua base é uma relação dialética (e dialógica) entre a realidade e o saber. Realidade tanto do aluno (sua faixa etária, seu potencial, seu desenvolvimento psicogenético, sua situação e interesses existenciais), quanto do seu meio imediato (cidade, meio rural), da sociedade nacional e do espaço mundial.

Neste contexto, os profissionais de Geografia também aprendem com os alunos, desde que o mesmo esteja interessado no que esse aluno possui de conhecimento de mundo, dentro do espaço onde ele convive. Tem que haver uma troca de identidades, de conhecimentos de informações. Para Castrogiovanni; Callai e Kaercher (2014, p. 118) “parece claro, que quanto mais ouvimos os alunos, ou melhor, os provocamos a falar, mais material temos para prepararmos nossas aulas e melhor entendemos seus interesses e sua lógica”. Esses alunos acabam sendo colaboradores do espaço maior, trazendo mais informações dos conhecimentos adquiridos, principalmente aqueles advindos dos conhecimentos dos mais antigos.

De acordo com Claval (2008, p.18):

Na primeira metade do século XX, os geógrafos trabalhavam a partir das realidades concretas: paisagens, campos, casas, animais, vegetais, ferramentas, carros, produtos, etc. os especialistas das representações colocavam no centro de suas preocupações as atividades mentais, mas eles poderiam estudá-las através de discursos, narrativas, textos, pinturas, isto é dos objetos materiais.

Nos tempos atuais existe a necessidade, cada vez mais constante por parte do educador, em fazer com que o aluno queira aprender. Mudar estratégias, metodologias, formas de olhar esse aluno de forma diferenciada. Muitos valores e princípios como respeitar os professores, respeitar os mais velhos, pais, mães foram colocados a parte, como se não fossem necessários. Vivemos as mudanças da vida das famílias, que as vezes não dão a educação necessária para seus filhos, com a desculpa de não ter tempo de cuidar dos filhos, e acabam passando essa tarefa para a escola.

Já de acordo com Cavalcanti (1998, p.45) “a escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem”. Não existe a possibilidade de estudar Geografia sem o conhecimento prévio dos alunos e das experiências vividas e percebidas pelo mesmo ao longo de sua vida. O ensino das diferentes disciplinas, a metodologia e os procedimentos devem ser realizados em função da cultura dos alunos, do saber escolar, do saber sistematizado.

Para Vesentini (2013, p. 261) “o contato direto com um local, seja da realidade do aluno, seja de outras realidades e a reflexão sobre ele permite que se formem referenciais para entender que o meio não é estático, é dinâmico”. Todo o espaço social e espacial é plausível de mudanças ao longo dos tempos históricos. O espaço geográfico muda constantemente, através dos ideais de transformações de cada ser humano, em determinados períodos do tempo. Busca se sempre melhorias para o bem social e sendo que muitas vezes sem pensar no espacial, se ele vai realmente suportar as mudanças ocorridas. Segundo Cunha (1995, p. 31):

A concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diferenciadas conforme os objetivos se direcionem a internalização ou a conscientização. Isso significa ter uma concepção nova da relação existente entre o sujeito socialmente situado e o conhecimento. Significa entender que aprender não é estar em atitude contemplativa ou absorvente, frente aos dados culturais da sociedade, e sim estar ativamente envolvido na interpretação e produção desses dados.

Para Castrogiovanni; Callai; Kaercher (2014, p. 86) “Um dilema muito presente na geografia é o que fazer com tanta informação possível em relação a cada conteúdo”. Observando o currículo de Geografia nos anos fundamentais percebe-se o quanto de informação

possui. E pensar o que se faz necessário é o estudo da visão de mundo, não em fragmentos, mas sim uma visão global das informações.

O enfoque principal que o professor deve viabilizar no seu cotidiano visa primeiramente seu foco no aluno e no lugar de convivência dele, buscando assim usar formas variáveis de ensino em seu cotidiano. De acordo com Cunha (1995, p. 45):

Faz parte do senso comum, ratificado pelos órgãos institucionais, que o professor possua um saber que lhe é próprio. Esse saber possui duas grandes direções: o domínio do conteúdo de ensino, isto é, de seu próprio objeto de estudo, e o domínio das ciências de educação que lhe permitirão compreender e realizar o processo pedagógico.

O ponto de partida deve ser sempre as condições de existência dos alunos e familiares, para a compreensão do espaço geográfico, processo que vai do particular ao geral e retornar enriquecido ao particular. Para Vesentini (2013, p. 228) “é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos: não mais apenas aula expositiva, mas, sim estudo do meio”. Para que a aula de Geografia não caia em rotinas é necessário novas dinâmicas, e formas de repensar o ensino de Geografia, tanto nas metodologias como nos recursos necessários a realidade de cada espaço de estudo.

Para Straforini (2004, p. 53):

Os argumentos sobre a importância ou o papel do ensino de geografia nas escolas não podem ficar deslocados do objetivo maior da educação. De fato, não compete a essa disciplina o papel transformador da sociedade. Não será ela a grande mártir da transformação ou da revolução.

Pode se entender que a avaliação e o planejamento são dois processos que possuem uma relação muito grande, pois quando um planejamento é criado logo o professor deseja e espera alcançar algum objetivo, e a avaliação é um dos métodos utilizados para saber se foi alcançado algum desses objetivos ou não. Serve também para o professor rever a sua prática, seus métodos, recursos e técnicas. Relembrando sempre que o foco principal está no entendimento que o aluno terá em relação ao conteúdo ministrado pelo professor.

Segundo Sant’anna (1995, p. 24):

A avaliação também tem um pressuposto oferecer ao professor oportunidade de verificar, continuamente, se as atividades, métodos, procedimentos, recursos e técnicas que ele utiliza estão possibilitando ao aluno alcance dos objetivos propostos.

Essa avaliação poderá ser desmistificada a partir do momento em que outras formas de avaliar passe a ocorrer no cotidiano de vida escolar. E o principal avaliador sempre será a forma como cada educador deseja fazer, desde que não torne sem sentido os conhecimentos a serem

aprendidos em sala de aula. Deve-se avaliar o educando de forma a permitir vivenciar suas experiências diárias, não fugindo do foco principal, que é o aprendizado.

Segundo Vesentini (2013, p. 224) “E tão pouco o educando pode ser visto como um receptáculo vazio que irá assimilar ou aprender um conteúdo externo à sua realidade existencial, psicogenética e socioeconômica”. Todos os alunos quando egressos em uma instituição de ensino trazem consigo uma bagagem de vida já construída ao longo do tempo, do seu espaço de vivência. O que pode acontecer é ele assimilar seus conhecimentos vividos com os aprendidos na escola, formando uma concepção mais ampla de toda a realidade vivida.

Complementando com BRASIL (2001 p. 108):

O ensino da Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

Pontuschka; Oliveira (2006, p. 329) corroboram com isso quando afirmam que “é necessário aprofundar a investigação sobre a natureza da Geografia e do espaço geográfico, para que possamos construir uma Geografia comprometida com a análise crítica da realidade e da condição humana”. Todas as mudanças ocorridas no espaço geográfico tem se transformado em realizações programadas pelo ser humano, na busca constante de desafios, e conquistas, que devem ser propostas para que não apenas traga novos conhecimentos, mas algo maior, de extrema importância, tanto para as sociedades atuais com as futuras gerações.

No que se referem às Diretrizes Curriculares, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais 1998, p. 15), colocam que:

A Geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente.

Atualmente é importante levar em consideração a nova geração de estudantes que já nascem com várias tecnologias atribuídas, tanto na pré-escola, ensino fundamental e

acadêmico. Esses alunos precisam buscar a interação do conteúdo com o seu mundo de convivência. Esse mundo começa a partir do nascimento da criança, como é a sua criação ao longo dos primeiros anos de vida, onde vive e como vivem. Hoje, percebe-se que todos esses elementos demonstram que tipo de alunos teremos, até mesmo os lugares que influenciaram nesta perspectiva. Segundo Claval (2010, p. 7) “aqueles que praticam a Geografia têm a preocupação de não perderem de vista nem os acontecimentos, nem a evolução do cenário mundial”.

Neste contexto, Cavalcanti (1998, p. 45) afirma que:

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para formação do aluno. Propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes.

Todos os conteúdos previstos no ensino da Geografia há muito tempo vem passando por mudanças simbólicas. Algumas matérias que antes eram muito relevantes ao ensino ou foram mudadas ou lhes foram agregados novos valores mais significativos. Segundo Claval (2010, p. 8) “a geografia é inicialmente constituída de práticas e de habilidades indispensáveis para a vida dos indivíduos e de grupos. Ela resulta da experiência que todos temos do mundo”.

Pereira (2012, p. 14) corrobora com esse pensamento quando explica que:

A geografia como qualquer outra matéria, tem passado por mudanças. Temas considerados tradicionais são revistos e complementados, enriquecendo sua abordagem. Em relação a geografia ensinada nas escolas, aumentou muito nos últimos anos a disponibilidade de obras que visam a seu processo de ensino e aprendizagem, e muitas delas oferecem boas contribuições para o trabalho do professor, dialogando com suas necessidades por meio da linguagem clara e objetiva.

Segundo Cardoso (2016, p. 30) “pensar a educação numa configuração hegemônica limita o aprendizado, pois dadas as heterogeneidades cada Ser tem em si experiências advindas de suas vivências, o que torna próprio de cada Ser”. Na busca constante pela melhor maneira de aprendizado não podemos dizer que existe uma forma correta, existe sim uma infinidade de métodos e técnicas que podem ser usados para que o aprendizado se efetive em uma população estudantil tão diferente uma das outras, pois existe a necessidade constante de flexibilidade quando se pensa em um conteúdo de Geografia, porque nem todos os alunos irão compreender da mesma maneira.

A disciplina de Geografia como ciência deve estar em contato mais estreito em relação ao contexto escolar, permeando entre a prática social do aluno com o do professor. Sempre

atentar-se para os conhecimentos prévios que o aluno traz para a escola consigo, pois tem toda uma bagagem de vida já formada no seu âmbito familiar.

Cavalcanti (1998, p.45) argumenta que:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem conhecimentos que são geográficos.

O ensino de Geografia está sempre circundado de notícias que acompanhamos pelos meios de comunicação. Informações decorrentes nos mais diversos lugares do mundo e percebemos no momento ocorrido. Notícias estas que trazem muitas transformações no espaço geográfico. Conforme Cardoso (2016, p. 31) descreve:

O ensino não deve estar alheio à realidade, ao que é vivido pelo estudante em seu espaço, o “chão”, por meio do cotidiano, e o estudante alfabetizado a partir de sua “leitura de mundo” tem um aprendizado mais significativo, consistindo na alfabetização geográfica, para compreender as relações sociais no espaço e toda a problemática ambiental a ser solucionada/respondida por meio da Educação Ambiental.

Os conteúdos ministrados na disciplina de Geografia precisam estar conectados com o espaço onde o aluno se faz presente e como ele vive e transforma esse meio. Sempre na busca constante pelo ensino e aprendizado de melhor qualidade. Em todos os momentos da vida, o aprendizado sempre será primordial para o crescimento como ser humano.

2.5 - Mapas mentais

Os mapas mentais aparecem como uma metodologia diferente, como uma ferramenta de transformação de interesse por parte dos professores, como forma de estabelecer uma relação de aprendizado com o aluno. Segundo Kozel (2008, p. 76):

Todas as atividades humanas, por mais diversificada que sejam estarão sempre vinculadas a um tipo de linguagem. Quando se utiliza uma determinada forma de linguagem, constroem-se enunciados, próprios e únicos, emanados de seus integrantes. Os mapas mentais nesse aspecto podem ser considerados como aportes preciosos para o “fazer pedagógico”, sobretudo por oferecerem aos estudantes a interlocução como atores sociais e produtores do espaço geográfico.

Em relação ao uso de mapas mentais podemos utilizá-lo como ferramenta de gerenciamento de informações e desenvolvimento de habilidades cognitivas dos alunos como

por exemplo: análise, comparação, organização, memorização e criação de determinados assuntos abordados na Geografia. Com certeza essa metodologia de trabalhar alguns assuntos da Geografia irá enriquecer de forma grandiosa a compreensão do aluno, e ao mesmo tempo passa a ser um aluno pesquisador.

Segundo Richter (2011, p. 110):

No trabalho didático-pedagógico das séries iniciais do ensino fundamental, o lugar e a paisagem são os conceitos centrais para o desenvolvimento de diversas atividades escolares. Isso também é recorrente nas séries finais do ensino fundamental, porém ocorre nessa última fase a colaboração de uma ampliação da análise espacial do lugar para contextos mais regionais e globais – totalizantes.

Conforme Kozel (2007, p. 117), “o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências”. Esse espaço passa a ser representativo para quem o construiu, nem sempre serão elaborados pelos estudantes, mas quando os são visualiza-se particularidades que só o aluno percebeu.

Segundo Kozel (2007, p. 125):

(...). Todo signo integra um sistema de representações (nas suas diferentes linguagens), porém não é desse sistema que se assimila os significados, mas do uso dos signos em situações reais, vividas nas relações. Quando os signos são retirados do contexto da comunicação no real vivido, transformam-se apenas em sinais, cujos valores e significados só podem ser entendidos dentro do sistema que o integra, o sinal é identificado, enquanto o signo é decodificado. (...). Dessa forma todo sistema de representação é constituído social e historicamente como forma e significado, seja em nível de sinais ou significados (...).

Para Claval (2008, p.18) “as representações não falam somente do que existe: elas também dão uma grande medida do que é a imaginação”. Os mapas mentais individuais de cada aluno podem demonstrar objetos que na realidade, não exista mais, mas que num passado bem próximo para ele, ali se fazia presente.

Almeida (2015, p.22) aponta pra a ideia de que “pensamos que além da aquisição do conhecimento e habilidades, os mapas mentais possibilitam construir atitudes, valores, virtudes assentadas na solidariedade humana e tolerância ao próximo constituindo sua identidade e a formação da cidadania”. O aluno passa a interagir com o conceito que ele tem de mundo constituído e vivido, buscando sempre estar em busca de novos conhecimentos utilizando meios diferenciados, mas seguros para entender sua realidade.

Para Kozel (2008, p. 73) “A representação se apresenta como uma forma de compreender a “teia da vida”, em suas múltiplas relações entre o real e os atores sociais, considerando o educando como agente social que interage na organização espacial”.

Rodrigues; Richter (2013, p.5) assegura que:

Nesse âmbito de trabalhar a Cartografia durante todo o processo de construção de conhecimentos, podemos destacar as contribuições de Simielli (1999, p.97) que propõe três níveis distintos de atividade para o uso do mapa nas aulas de Geografia, a saber: localização e análise, correlação e síntese. O desenvolvimento dessas atividades permitirá que os alunos realizem suas leituras e interpretação sobre o espaço e como possível resultado teremos a formação de alunos leitores críticos do espaço geográfico. Mas, além de saber ler e usar mapas é importante para um ensino de Geografia que o aluno construa mapas, que tenha uma autonomia na produção da representação cartográfica.

Os mapas mentais como metodologia de ensino, dependendo do espaço vivido e habitado, passa a ter uma estrutura diferenciada. A concepção e o tratamento dado, por exemplo, a natureza em relação a povos indígenas e não indígenas são diferenciadas. Ainda conforme Kozel (2007, p. 125):

Sendo assim entendemos o mapa mental enquanto linguagem privilegiada para a comunicação dos aspectos constitutivos do espaço vivido e percebido pelo aluno. O mapa mental é, sob esta ótica, um instrumento que confere ao professor os elementos necessários para trabalhar, de forma concreta, a organização mental dos aspectos eleitos como importante no espaço vivido cotidianamente pelo grupo que constitui o universo de alunos de uma sala de aula.

Mesmo o mapa sendo considerado como uma linguagem muito presente dentro do ambiente escolar, muitas vezes ele é utilizado somente como um conteúdo específico da Geografia e como um apoio para ilustrar alguns temas discutidos em sala de aula. Também até para observar e localizar determinados países e lugares, ou simplesmente fazer uma leitura desse mapa, dependendo do assunto estudado, somente serve para localizar o local em questão.

Para Claval (2010 p. 17):

A orientação nunca é um assunto meramente individual: enquanto se baseia no conhecimento de itinerários já percorridos e na utilização de pontos de referencia ou de marcadores distantes, todos dependemos de nossa capacidade de observação e memorização para não nos perdermos. É imitando os antepassados que a criança aprende os elementos do ambiente que deve memorizar”.

Cardoso (2016 p. 66) descreve que “as subjetividades vêm da consciência, do processo cognitivo do estudante, em como absorve as informações, codifica-as e, como fica em sua mente, todo o conteúdo pode se tornar mapas”. Este trabalho começa a fazer sentido quando o aluno começa a fazer parte daquele material que está sendo passado para o mesmo de forma teórica, entendendo o assunto em questão e procurando uma forma de transformá-lo em um mapa.

Segundo Claval (2008 p. 18) “as representações, a análise passa facilmente à imaginação: as narrativas nem sempre descrevem o mundo que existe”. Na realidade os

sistemas de ensino hoje deixam os profissionais de Geografia à vontade no quesito formas de trabalhar o conteúdo. Podendo utilizar metodologias relacionados ao que está inserido no material curricular.

Segundo Richter (2011, p. 94):

Esse, também, deve ser o propósito do mapa (mental ou existente), de promover que o conhecimento do aluno seja desenvolvido para níveis cognitivos mais amplos e complexos. O mapa mental pode servir, ao mesmo tempo, como um instrumento que indica os saberes geográficos e científicos que o aluno possui (seus raciocínios geográficos), e para possibilitar a identificação dos caminhos que deverão ser percorridos pelos alunos para aprofundar seus conhecimentos em referência ao contexto da realidade.

Para Kozel (2007, p.125) “este assume um papel de linguagem representativa das formas simbólicas apreendidas do espaço através das experiências cotidianas. Devemos observar, portanto, o mapa mental enquanto representação social”. Nessa perspectiva entendemos os mapas mentais como uma forma de linguagem que vai estar refletindo o espaço vivido, representado em todos os seus aspectos, onde os signos serão as construções sociais e os alunos os agentes que os constroem.

Não existem somente mapas mentais como forma de metodologia. Há também as metodologias Ativas que podem ser amplamente exercitadas no âmbito escolar, o que permite ser eficazes no momento em que solucionam algumas dificuldades encontradas no ambiente escolar. De acordo com Moraes e Castellar (2018 p. 423):

Há algum tempo se discute, em documentos oficiais – a exemplo das orientações curriculares de Estados e Municípios brasileiros, e mesmo em orientações internacionais -, a necessidade de se pensar em uma organização do ensino que estimule mais os alunos a aprender, algumas dessas modalidades fazem parte do que chamamos de “metodologias ativas”.

Na concepção das metodologias ativas existe uma série de aquisições que demandam alunos e professores, em certas aprendizagens que vão muito além de conceitos a serem adquiridos em sala de aula.

Gois e Bezerra (2018 p. 04-05) corroboram para a construção de metodologias que compreendam o processo de ensino-aprendizagem de uma forma dinâmica, priorizando as experiências dos discentes, trazendo para o cerne do processo o aluno-reflexivo, portanto uma educação problematizadora a partir das metodologias ativas.

Segundo Beuren (2017 p. 31), “as metodologias ativas de ensino são: estudo de caso; processo incidente; métodos de projetos; pesquisa científica; aprendizagem baseada em problemas; metodologia da problematização com o arco de Maguerez”. São diferentes na essência, mas que depende muito do conteúdo estudado.

Para Moraes; Castellar (2018 p. 424):

Quando tratamos de metodologias ativas, estamos afirmando que o ensino por investigação, o uso de tecnologias, do teatro, a aprendizagem por problemas, o trabalho de campo, as aulas cooperativas – apenas para citar alguns exemplos do que é considerado metodologia ativa – colocam os alunos em destaque no processo de aquisição de conhecimento.

Gois; Bezerra (2018 p. 06) afirmam que a aprendizagem baseada em problemas (ABP) é um método pelo qual o estudante utiliza a situação problema, seja de uma questão da assistência à saúde ou de um tópico de pesquisa, como estímulos para aprender.

Bauren (2017 p. 34) afirma que:

Ao propor um ensino com estratégias de cunho ativo, que favoreçam o envolvimento e integração entre grupos de alunos e professores, diversas habilidades são acionadas para o alcance dos objetivos, ativando e articulando as múltiplas inteligências e conceitos interdisciplinares. Assim sendo cabe ao professor conhecer as estratégias e apropriar-se das mais adequadas ao tema em estudo e ao perfil de cada grupo de trabalho.

Os métodos ativos devem ocupar lugar de destaque, quando o assunto se refere ao ensino de Geografia para poder compreender os problemas socioespaciais conflituosos em relação ao homem e natureza. Podemos dizer que no campo de metodologias quem vai fazer a diferença é o professor, a ele cabe relacionar o que de mais produtivo será a sua aula, ministrada com metodologias diferenciadas, conforme o assunto relacionado. Dentro das metodologias ativas também há os mapas mentais.

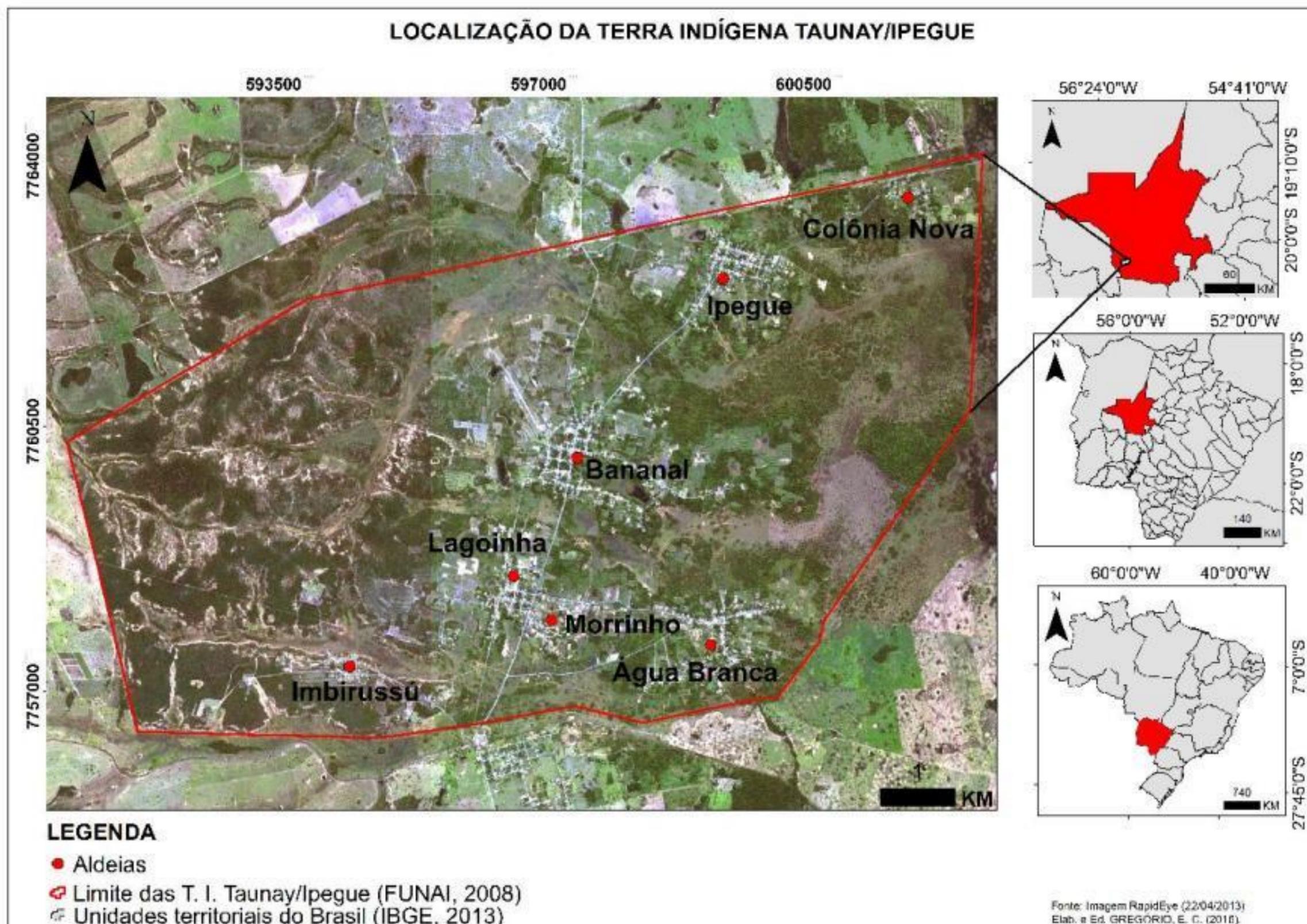
Um caça palavras, uma cruzadinha, software podem ser considerados como métodos ativos. O que depende muito é como o professor vai programar novas formas de trabalho sem antes conhecer a turma, e também o interesse do mesmo em tornar principalmente as aulas de Geografia mais palpável para os alunos. Toda forma de aprendizagem é válida, desde que se faça presente o interesse do aluno e a convicção do professor de que daquela forma o aluno poderá aprender o que lhe foi explicado. É importante destacar que alguns alunos não apresentam interesse nas aulas, só se fazem presentes para não perder a bolsa família ou qualquer outro benefício financeiro. Desta forma o professor poderá fazer de tudo para que suas aulas sejam preteridas pelos alunos, mas que não haverá a participação e o interesse deles. Alguns alunos estão atrasados em idade escolar. Quando abre na escola a EJA (Educação de Jovens e Adultos), esses alunos acabam passando a estudar neste segmento. Geralmente são alunos acima de 15 anos ou mais que estão inseridos nessa grade curricular. Ressalta-se que a metodologia de ensino de Mapas Mentais será utilizada para o desenvolvimento das atividades de Geografia na escola, como proposta de trabalho para esta pesquisa.

3. METODOLOGIA

3.1 Localização e caracterização da área em estudo

Segundo Neves (2007, p.144) “a fundação de Aquidauana ocorreu em 1892, mas esse processo se estendeu por anos”. Aquidauana está localizada a 130 km da capital do estado, Campo Grande. Possui vários distritos: Camisão, Piraputanga, Cipolândia e o de Taunay. Os mais próximos são os de Camisão e Piraputanga com acesso asfaltado, possuindo muitas paisagens naturais e algumas paisagens culturais durante o seu trajeto. Já o trajeto feito para o distrito de Taunay, uns 40 km de asfalto e mais uns 20 km de estrada de chão, que na maioria das vezes estão em péssimas condições, gastando mais tempo nesse percurso do que no asfalto. O acesso ao distrito de Cipolândia se faz por via de chão, mais ou menos uns 66 km de Aquidauana. A Aldeia escolhida para fazer o trabalho se localiza no distrito de Taunay. O mapa de localização, figura 01, nos dá um dimensionamento grandioso em relação às áreas pertencentes aos povos indígenas. Foram localizadas sete Aldeias somente no Distrito de Taunay: Água Branca, Imbirussu, Morrinho, Lagoinha, Bananal, Ipegue e Colônia Nova. Cada uma delas possui uma população especificamente Terena. As mais antigas, que deram abertura para novas Aldeias foram a Aldeia Ipegue e Bananal. As populações estavam em busca de novas terras para fazer seu plantio, suas roças e, assim foram surgindo novas Aldeias.

Figura 01: Localização das Aldeias no Distrito de Taunay



Fonte: Gregório, 2016

Na figura 02 observam-se as distâncias em relação do Distrito de Taunay até as demais Aldeias. Essas distâncias são aquelas quando saímos da BR 262 e pegamos a estrada de chão. A distância quando sai de Anastácio até chegar à entrada (final do asfalto) dá um total de 40 km, da entrada até o distrito de Taunay mais 10 km. Dependendo de como está a estrada de chão demora até duas horas para se chegar a última Aldeia, com um itinerário saindo de Anastácio. A escola que existe na Aldeia Imbirussu é uma extensão da escola da Aldeia Bananal; Já a escola da Aldeia Morrinho é uma extensão da escola da Aldeia Lagoinha

Figura 02: Distâncias entre o Distrito de Taunay e as Aldeias

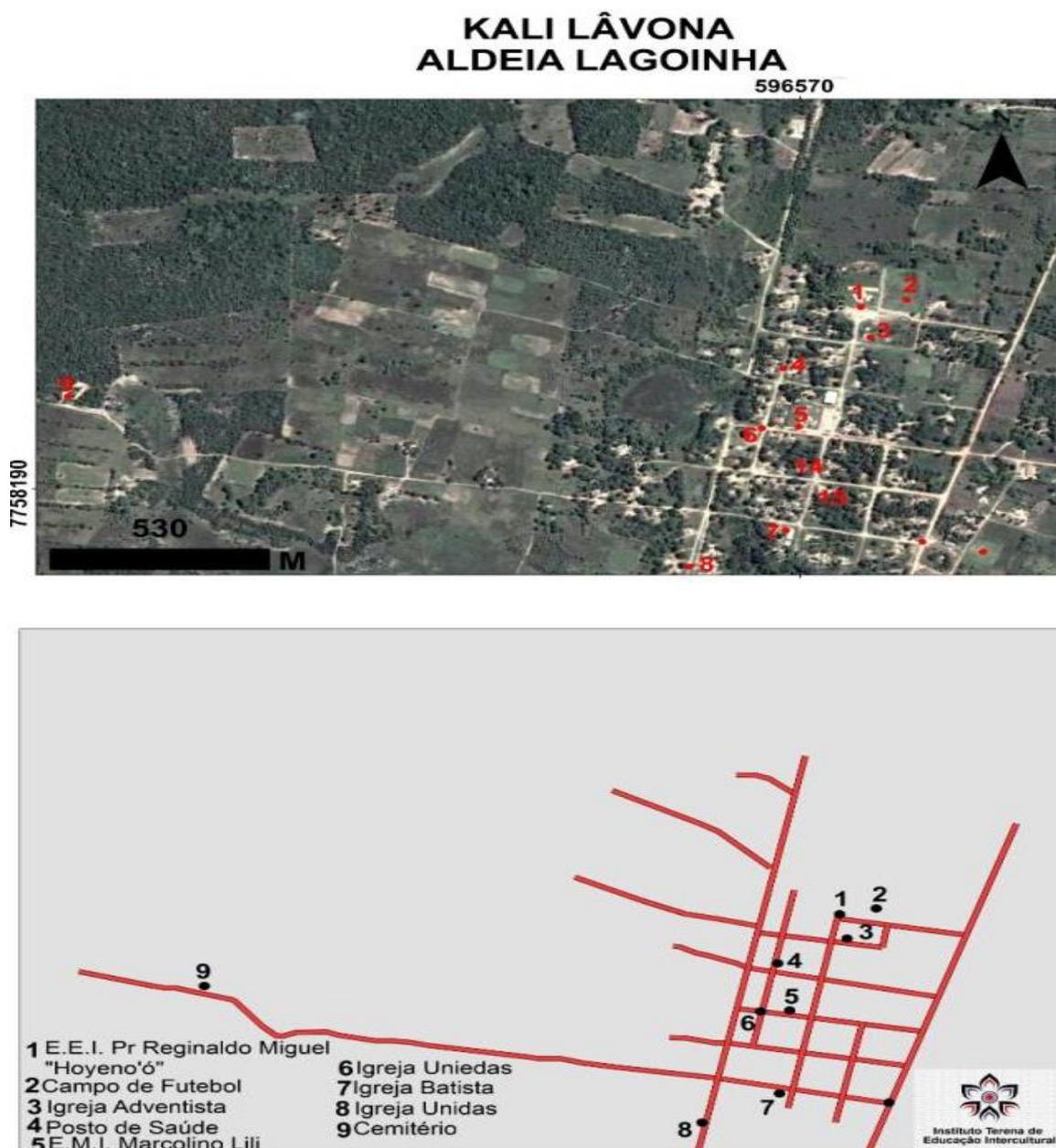


DISTRITO DE TAUNAY	10 km
ALDEIA IMBIRUSSU	12 km
ALDEIA LAGOINHA	12 km
ALDEIA MORRINHO	12 km
ALDEIA BANANAL	14 km
ALDEIA ÁGUA BRANCA	15 km
ALDEIA IPEGUE	17 km
ALDEIA COLÔNIA NOVA	19 km

Fonte: a pesquisadora, 2018

Na figura 03, está à localização da Aldeia Lagoinha, com seus principais pontos de referência, como igrejas, escolas, posto de saúde, cemitério, etc. Na Aldeia Lagoinha não existe nenhuma Igreja Católica. Observa-se também que as quadras não são delimitadas todas iguais, quadras maiores e menores e o cemitério se encontra um pouco afastado da Aldeia.

Figura 03: Localização da Aldeia Lagoinha



Fonte: Gregório, 2016

3. 2 Procedimentos metodológicos

Em relação aos procedimentos metodológicos, desenvolveu-se em quatro momentos diferentes, a partir da percepção de como os alunos pensavam o conteúdo de Geografia no ambiente escolar, pesquisa documental, bibliográfica e de campo, onde essas atividades foram propostas e realizadas no segundo semestre do ano de 2017 e no primeiro semestre de 2018. A pesquisa documental levou em consideração os documentos oficiais como Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Constituição Federativa do Brasil que apresentam argumentos e prerrogativas no contexto da educação escolar, educação escolar indígena e o ensino da Geografia. A pesquisa bibliográfica relatou sobre o ensino da Geografia segundo alguns autores importantes e também com o conceito e o trabalho e metodologia dos mapas mentais, como enfoque primordial para a compreensão do conteúdo estudado na disciplina de Geografia. A pesquisa de campo se desenvolveu em conformidade com os conteúdos estudados na disciplina de geografia com a turma do 6º Ano, no segundo semestre do ano de 2017 e também com a turma do 6º ano, do primeiro semestre do ano de 2018, fazendo uma verificação primordial de como o aprendizado através de uma metodologia de mapas mentais viabilizaria ao educando um entendimento mais prático de como estudar e intercalar a Geografia curricular e a Geografia do seu cotidiano.

Em relação aos procedimentos metodológicos apresentados neste trabalho emergiu através de momentos diferentes: com a pesquisa documental, que está relacionada aos documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Onde a pesquisa documental segundo Silva; Almeida; Guindani (2009, p. 6) “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

Com a pesquisa bibliográfica nos remetendo a conceitos e definições compactuados por diversos momentos de cunho científico, através das referências bibliográficas. Para Silva; Almeida; Guindani (2009, p. 5) pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos.

Aos alunos foram apresentados a metodologia dos mapas mentais que consiste num texto que precisa ser lido e interpretado utilizando signos para análise e concepção desse modo de representação.

Conforme Pontuschka et al (2009 p. 292) descrevem “os desenhos, as cartas mentais, croquis, maquetes, plantas e mapas podem ser englobados entre os textos gráficos, plásticos e cartográficos trabalhados no ensino e na pesquisa da Geografia”. Segundo a autora vai diferenciar dos textos alfabéticos pela dominância da figura, ou seja, da forma espacial, linhas, formas, superfícies, distancias, extensões.

E por fim nas fases de aula teórica em sala de aula e pesquisa de campo feita pelos alunos do 6º Ano, com o fechamento demonstrando o aprendizado ou entendimento através dos mapas mentais, confeccionados pelos mesmos.

As aulas teóricas aconteceram em sala de aula, sendo ministrados conteúdos referentes ao currículo de Geografia nos anos de 2017, que se tratava de: Vegetação e Localização do objeto em estudo (escola), Paisagem Natural e Cultural, Organização do espaço (lugar) de moradia. No ano de 2018 as aulas foram ministradas com os seguintes conteúdos Espaço Urbano e Rural e o Percurso de casa a Escola feita pelo aluno. Para esse trabalho utilizou-se a metodologia dos mapas mentais apresentada por Kozel (2007).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) mencionam que:

Quando se estuda a paisagem local, deve-se procurar estabelecer relações com outras paisagens e lugares distantes no tempo e no espaço, para que elementos de comparação possam ser utilizados na busca de semelhanças e diferenças, permanências e transformações, explicações para os fenômenos que aí se encontram presentes. Inicia-se, assim, um processo de compreensão mais ampla das noções de posição, sítio, fronteira e extensão, que caracterizam a paisagem local e as paisagens de forma geral. (BRASIL, 2001 p. 127)

Na primeira etapa, no ano de 2017, o trabalho foi dividido em três produções de mapas mentais diferenciados, mas relacionados entre si: o primeiro conjunto de mapas mentais surgiu da consonância dos estudos do texto sobre Vegetação e Localização Espacial, com o objeto em estudo, a Escola Municipal Indígena Marcolino Lili, e o que há em seu entorno, tipos de vegetação. O segundo conjunto de mapas mentais feitos pelos alunos estava relacionado aos dois tipos de paisagens, Naturais e Culturais, no entendimento dos alunos em relação ao que existe no campo e na cidade, fazendo sua diferenciação. O terceiro conjunto de mapas mentais estava relacionado ao lugar a que pertence cada aluno, isto é, como estavam distribuídos os elementos visuais em seu quintal, o seu local de moradia, ou seja, Organização do Espaço.

Trabalharam-se primeiramente os conteúdos teóricos relacionados à localização espacial da escola e os tipos de vegetação existentes na localidade em estudo, a Aldeia Lagoinha. No trabalho de campo foram observados como e onde estava

localizada a escola, seu formato, cores e representações. Observou-se que tipo de vegetação teria nos locais mais próximos a escola, e que eram predominantes na região da Aldeia, sendo a vegetação predominante na região a de Cerrado. Os alunos tiraram fotos da vegetação local, utilizando o celular da Professora pesquisadora. Foi explicado aos alunos que o clima e a vegetação estão caminhando sempre juntos, e é o clima que vai nortear que tipo de vegetação que irá predominar naquele local. No passo seguinte, os alunos passaram a desenhar os mapas mentais sobre o que tinha sido observado em relação ao espaço, localização e estrutura da escola e o que existia em seu entorno, utilizaram da oralidade para explicar o que tinham desenhado. De acordo com BRASIL (2001 p. 129):

A imagem como representação também pode estar presente. Desenhar é uma maneira de se expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria geografia. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso de linguagens cartográficas.

O tema proposto para o momento seguinte foi o de trabalhar com paisagens naturais e culturais, lembrando para os alunos que na atividade de campo anterior havíamos observado os locais na Aldeia onde existiam só paisagem natural ou artificial e as construções existentes. E de acordo com Lucci; Branco (2015 p. 13) “para a geografia, paisagem é tudo aquilo que nossa visão alcança em determinado momento”. As paisagens podem ser naturais, em que há somente elementos não alterados pela ação do ser humano; e paisagens culturais, que são aquelas transformadas pelo ser humano. E segundo BRASIL (2001 p. 153) “a leitura de paisagens pode ocorrer de forma direta – mediante a observação da paisagem de um lugar que os alunos visitaram – ou de forma indireta – por meio de fotografias, da literatura, de vídeos, de relatos”. O passo seguinte foi o de confecção dos mapas mentais referente a esse tema pelos alunos.

Como está esclarecido através BRASIL (2001 p. 134) em relação às diferentes paisagens:

Esse tema evoca também pesquisas sobre como diferentes grupos sociais – índios, negros, imigrantes, caçaras, dentre os muitos que fazem parte da sociedade brasileira – relacionam-se ao longo de suas trajetórias com a natureza na construção do lugar e da paisagem onde vivem, podendo-se inclusive eleger como objeto de estudo grupos sociais inseridos em paisagens distintas daquelas características do Brasil. (BRASIL, 2001 p. 134)

Segundo Lucci; Branco (2015 p. 13) “as paisagens são compostas de diversos elementos, podendo ser naturais ou artificiais ou culturais”. Ao longo do tempo os elementos naturais vão ficando no passado, sendo alteradas pela ação dos seres humanos. O outro tema proposto para trabalhar mapas mentais foi sobre a organização espacial (lugar de moradia). Foi escolhido pelos alunos em trabalhar a questão de como estava organizado o espaço (quintal) onde eles moraram e como estavam distribuídos os elementos naturais e culturais. Cada aluno optou em fazer um mapa mental relacionado ao espaço de sua vivência, ou seja, a sua moradia. Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente o art. 58 do capítulo IV, do direito à educação, a cultura, ao esporte e ao lazer “No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso a fontes de cultura” (BRASIL 1990 p. 49). De acordo com Lucci; Branco (2015 p. 21):

O lugar é onde as pessoas moram, estudam, trabalham, consomem, ou seja, realizam as atividades cotidianas e, portanto, desenvolvem suas relações sociais, afetivas e de solidariedade – de ajuda e colaboração – ou de conflitos. Essas relações fazem com que os lugares sejam diferentes, mesmo que tenham paisagens muito parecidas.

Como dito anteriormente, a primeira etapa do trabalho, no segundo semestre do ano de 2017, foi explicado de forma bem clara sobre o texto em questão na aula, a Vegetação e paisagens naturais e culturais; naquele momento uma grande parcela não sabia do que se tratava o assunto. Depois de tirar as dúvidas existentes (o que era vegetação, quais os tipos de vegetação), foram entregues uns materiais para os alunos (folha A4, lápis de cor, giz de cera, régua, lápis preto, borracha), para que os alunos tentassem descrever através do desenho (mapas mentais) o que eles conseguiam lembrar-se do que existia de vegetação próxima a escola e onde os alunos estavam naquele momento de leitura e interpretação. Foi lembrado a eles que na aldeia também existe uma lagoa, que dá nome a Aldeia e que poderiam estar acrescentando ela em seu mapa mental, pois fica próxima a escola. No primeiro momento ficaram em dúvida, não sabendo por onde começar. Foi explicado para eles que poderiam ter a escola como base para iniciar a trajetória e o esboço da atividade. Muito timidamente começaram a produzir suas lembranças, algumas um tanto invertida do ponto de vista do aluno, outras muito simplórias sem muito a visualizar. Essa atividade foi elencada a partir do assunto que iria ser estudado nas aulas seguintes, a maioria não sabia dizer o que era vegetação. Sobre Paisagens Naturais e Artificiais

tinham certa facilidade em presumir. Foi uma dinâmica um tanto diversificada, onde cada aluno poderia fazer da maneira como enxergava a paisagem próxima à escola (vegetação/ Paisagens). Foi percebido que o tempo gasto não foi suficiente para que as ideias e imaginações fluíssem mais rapidamente, pois se sentiam um tanto envergonhados em retratar o texto que tinha sido estudado na teoria.

Para que se quebrasse esse bloqueio, na aula seguinte realizou-se uma visita a campo com a finalidade de observar, tendo na mente o texto trabalhado em sala de aula com os alunos do 6º Ano. Visita essa que demandava a observação da vegetação existente nas quadras próximas a escola, local onde também se localiza a lagoa. Os alunos levaram materiais para anotações que achassem necessárias (caderno para fichamento, caneta, lápis, borracha; levei o celular, para que tirassem fotos da vegetação). Nesta saída a campo os alunos conseguiram marcar a vegetação existente nas proximidades, dando nomes a cada uma, reconhecendo que existem as nativas, observaram também que muitas delas que hoje existe não é mais só nativa, mas que o homem ao longo dos anos foram substituídas por árvores frutíferas, plantações de roça, ou até mesmo criação de gado, mudando a paisagem. Todos os mapas mentais produzidos pelos alunos no ano de 2017 estavam intercalados com o currículo de geografia estudado no 6º Ano, sendo os assuntos relacionados a paisagem natural e cultural (vegetação e hidrografia – a Lagoa), a localização espacial da Escola e os elementos contidos próximos a ela, e o local (terreno) em que se encontra localizada a casa de cada aluno, o que havia de elementos naturais e culturais.

O número de mapas mentais confeccionados pelos alunos no ano de 2017 foram um total de 47 mapas. Havia 19 alunos frequentes que participaram desta primeira fase, e que se encontram nas fotos abaixo.

Figura 04: Aula com alunos confeccionando mapas mentais turma 2017



Fonte: Pesquisadora, 2017

Levando em consideração todas as atividades elaboradas e concluídas com a turma do 6º Ano/2017, avalia-se de forma bem produtiva em relação a metodologia aplicada com os alunos. Apropriaram-se do conhecimento dos conteúdos na teoria, leitura de textos, mostrando

o seu entendimento através da leitura que fizeram dos mapas mentais produzidos por eles. Houve uma melhora gradativa em relação a participação nas aulas, notas e a redução nas faltas. Aqueles alunos desmotivados passaram a interagir pouco a pouco com a geografia estudada em sala de aula, e se sobressaindo nas atividades dos mapas mentais. Acredito que todas as formas de ensinar é válida, desde que haja uma melhora para os problemas que existem em cada instancia, e isso depende de cada profissional.

Na segunda etapa, os mapas mentais produzidos pelos alunos do 6º ano no primeiro semestre de 2018, deveria levar em consideração o espaço rural e urbano, e o Percurso que faziam da casa até a escola. Neste momento houve uma diferenciação em relação ao quantitativo de alunos em comparação ao ano passado. Enquanto segundo semestre de 2017 tínhamos um total de 19 alunos frequentes no 6º Ano, já no primeiro semestre de 2018 esse número aumentou para 30 alunos frequentes, vindos de outras aldeias do Distrito.

Esta etapa do trabalho foi elaborada com os alunos do 6º ano da turma do ano de 2018 e ficou dividida em dois grupos de mapas mentais: produções de mapas mentais voltados ao conteúdo do Espaço Urbano e Rural. Segundo BRASIL (2001 p. 147) “é possível organizar estudos nos quais os alunos pesquisem e comparem como as paisagens urbanas e rurais definem e possibilitam diferentes modos de vida”. E o outro conteúdo foi referente ao Percurso feito pelos estudantes de casa até chegar à escola. Estava relacionado ao lugar onde o aluno mora e o trajeto feito por ele até chegar a escola. Em todos os momentos da confecção dos mapas mentais, cada aluno ficou na responsabilidade da criação do seu, sendo entregue a eles os materiais necessários a essa prática, como as folhas A4, os lápis de cor, as canetinhas, lápis e borracha.

Com isso, é possível que o aluno entenda que certas atitudes realizadas pelo homem acabam agredindo o meio ambiente, sendo que ele mesmo será prejudicado se não houver um entendimento e uma consciência maior de que somos responsáveis por aquilo que fazemos ou que deixamos os outros fazerem.

O número de mapas mentais confeccionados pelos alunos da Escola Municipal Indígena Marcolino Lili com a turma do 6º Ano de 2018 foram de 45 mapas. As fotos abaixo são relacionadas aos alunos que fizeram os mapas mentais.

Figura 05: Alunos confeccionando os mapas mentais Turma 2018



Fonte: Pesquisadora, 2018

Uma avaliação feita com a segunda turma do 6º Ano/2018, em relação aos conteúdos estudados nos remete a questão da diferença na forma metodológica de trabalhar com os alunos, por não dar aula para essa turma em questão no ano corrido. Os alunos tiveram uma participação mais tímida, poucos questionamentos, menos dúvida, nem todos conseguiram atingir o objetivo específico, por causa de faltas, talvez pelo fato do trabalho não ser feito continuamente com

eles. As atividades foram validadas pelo professor de Geografia da sala de aula, como nota complementar.

Ao retornar a escola no final do ano de 2018 para fazer uma revisão, para analisar quais foram os entendimentos das atividades dos mapas mentais, pelos alunos nesta turma, verificou que tinham uma noção das atividades que foram estudadas, o Espaço Rural e Urbano e o Percorso de casa até a escola. Observando os mapas mentais em relação ao Percorso da casa até a escola, os alunos perceberam os erros cometidos quando fizeram a leitura dos mapas oralmente. Essa releitura lembrou o quanto é importante que o conteúdo teórico seja passado em uma sequência lógica.

Todos os mapas mentais desenhados pelos alunos, assim como seus resultados e análises estão inseridos nos Resultados e Discussões. No final do ano de 2018, retornou-se a escola para fazer uma recapitulação com os alunos para verificar se eles se lembravam da atividade feita, dos conteúdos estudados, da metodologia utilizada e o que eles se lembravam do significado do que eles tinham feito, em relação aos mapas mentais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Dificuldades encontradas na assimilação dos conteúdos

As principais dificuldades encontradas foram em como relacionar o conteúdo de geografia na teoria, no livro, com a aula de campo. Quando estávamos fazendo a explicação teórica de determinado assunto, os alunos demoravam a entender do que se estava falando, por exemplo, quando comentamos sobre vegetação, quais os tipos de vegetação que existem, onde elas existem, os alunos não tinham noção do que se tratava. Quando fomos para o campo eles conseguiram dimensionar o que era a vegetação e quais os tipos, analisando juntamente com eles que dependendo do tipo de clima temos uma vegetação diferenciada. Outra dificuldade foi como os alunos iriam desenhar os mapas mentais em relação a organização dos seus quintais, não conseguiam ter a dimensão do espaço existente na realidade e transformar para o papel, dificuldade essa permeada pelo fato de não terem noção em relação a orientação espacial. E a problemática maior foi em fazer os mapas mentais do trajeto casa / escola, não tinha certeza da quantia de quadras, a distância e a localização. Mas apesar de tudo isso, todos conseguiram desenvolver suas atividades de forma simples e significativa.

Por já fazer parte do grupo de professores da escola Municipal Indígena Marcolino Lili no ano de 2017, a atividade proposta para os alunos ficou um tanto mais atrativa, pois a mesma já tinha certo conhecimento da turma em questão, alunos quietos nas aulas expositivas de Geografia, sem nenhum questionamento em relação a qualquer conteúdo ministrado em sala, na certeza de que a imensidão dos textos os deixava sonolentos e indispostos. Nesse contexto, surgem os mapas mentais como uma forma de mudança no cotidiano das aulas de Geografia, que ocorria apenas uma vez por semana, sendo somente duas horas aulas. Quando se fala em fazer mapas mentais, logo se assustam, pois são tímidos em sua essência, e não conseguem vislumbrar o quanto será muito mais prazeroso o conhecimento que irão aprender. Desta forma são explicados aos alunos o que são metodologias ativas, quais são os tipos e dentro desta perspectiva entram os mapas mentais como uma forma metodológica de trabalho juntamente com os alunos.

4.2 - Trabalhando os mapas mentais na prática escolar

Segundo Cardoso (2016 p. 64) “os mapas são representações produzidas pelos seres humanos e constam de um processo de decodificação do que o ser conhece, imagina e está em sua consciência”. E o fator de localização de sua moradia ou pertencimento ser uma Aldeia, onde a sua vivência passa a ser bem diferenciada do cotidiano da vida na cidade. Existe uma

relação diferente ao seu critério de como cuidar, por exemplo, da natureza, devido à bagagem cultural que se tem daquele lugar. Assim como diz Cardoso (2016 p. 65) “os elementos do real são passíveis de codificação a partir da consciência, assim como o processo de decodificação, aprimorando a cognição”.

Segundo Claval (2008 p. 17):

As imagens têm um conteúdo simbólico. O território também. O espaço que os geógrafos estudam não é uma planície uniforme e sem obstáculos dos economistas. Diferenciam-se pelo seu relevo, seu clima, suas formas de povoamento. Ele tem histórias variadas. As pessoas identificam-se com a área onde moram desde crianças, a área para onde migram, com a área onde trabalham e onde tem amigos.

Conforme argumenta Cavalcanti (2010 p. 150) “o trabalho com mapas mentais construídos pelos alunos, na escola, tem por finalidade conhecer o nível de sua consciência espacial, ou seja, entender como os alunos percebem o lugar onde vivem”.

No trabalho teórico que ocorreu com os alunos, observou-se que fica muito mais interessante quando há uma interação entre um tema proposto em teoria e passa a ser verificado na forma prática, ou seja, quando sai do conforto da sala de aula para o campo para observar o tema proposto, através dos movimentos, das interações com a espacialidade ao qual está relacionado. E como diz Kozel (2007, p. 120):

Os diferentes tipos de espaços refletem a forma como o homem se relaciona com o seu meio, e permitem inferir que o meio constitui-se elemento importante a ser considerado no que tange aos aspectos relacionados às representações gráficas.

Os mapas mentais surgem como uma maneira diferenciada para conseguir fazer com que os alunos procurem se interessar em estudar a disciplina de Geografia. Apesar de, inicialmente não terem noção do que são mapas mentais. Mas esse processo ao longo das aulas vão se tornando um elo maior de ligação entre aluno-disciplina, aluno-professor.

4.2.1 Mapas Mentais: Localização da Escola e Vegetação

Na saída a campo também foi enfatizado aos alunos a importância dos elementos construídos pelo Ser humano. Como estavam organizados espacialmente e a função de cada um. A escola é pequena, com apenas quatro salas de aulas. Algumas fotos foram tiradas para demonstrar o ambiente em questão (Figura 06 a 09).

Figura 06: Escola Municipal Indígena Marcolino Lili – Aldeia Lagoinha



Fonte: Pesquisadora, 2018

Figura 07: Sala de livros e banheiro dos professores



Fonte: Pesquisadora, 2018

Figura 08: Sala de aula do 6º e 7º Ano



Fonte: pesquisadora, 2018

Figura 09: Quadra de esporte coberta



Fonte: Pesquisadora, 2018

Na saída a campo também foi enfatizado aos alunos a importância da vegetação ali existente. Vegetação típica de Cerrado com suas características próprias e outras comumente plantadas pelos habitantes, que servem como alimentos ou remédios. Algumas fotos da vegetação foram tiradas, como se observa na figura 10.

Figura 10: Vegetação predominante na Aldeia Lagoinha

**Angico
Branco**



Figueira



Piuva



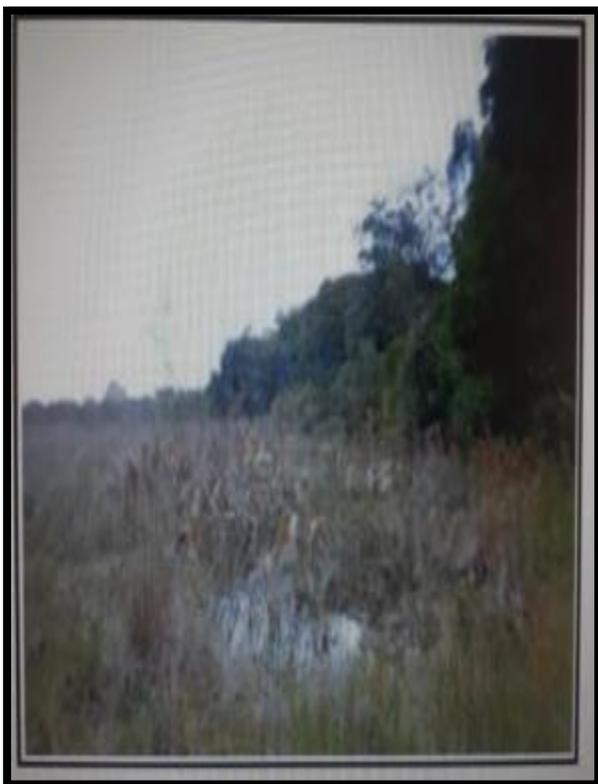
**Mamica de
cadela**



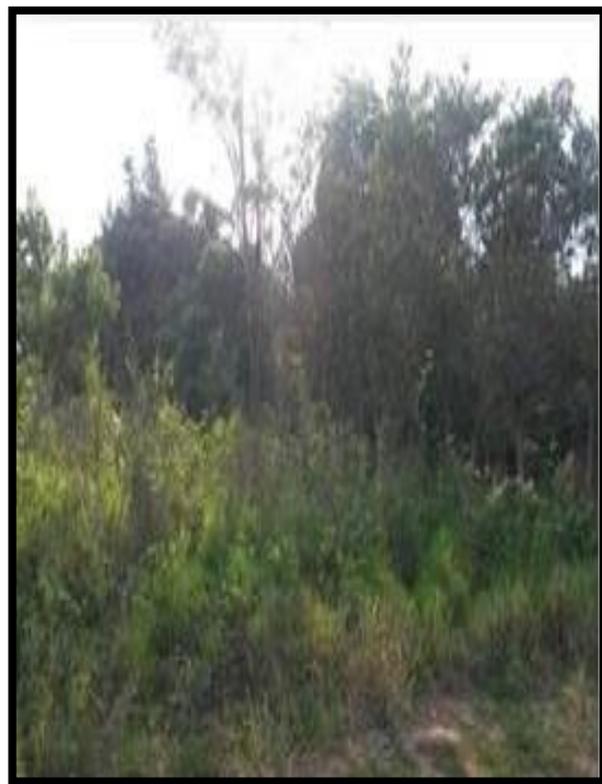
Fonte: Alunos 6º Ano, 2017

Conforme a Figura 11, na visita a campo também se observou a localização da lagoa que dá nome a Aldeia. A lagoa se encontrava seca, devido ao período de estiagem. A lagoa é um ponto importante em relação a comunidade que ali mora. Nos últimos anos ela se encontra seca.

Figura 11: Aspectos da Lagoa



Fonte: Larissa CB Cardoso 2016



Fonte: Alunos 6º Ano
2017

Na volta para a Escola depois da atividade de campo, o coordenador da Escola Professor Délio Delfino falou sobre a lagoa, onde a comunidade indígena se abastecia com suas águas (figura 12). Explicou também como era a vegetação antes e como esta se encontra nos dias atuais. Muitas mudanças ocorreram neste período, em consequência do crescimento da Aldeia.

Figura 12: Participação do Coordenador falando sobre o legado da Lagoa



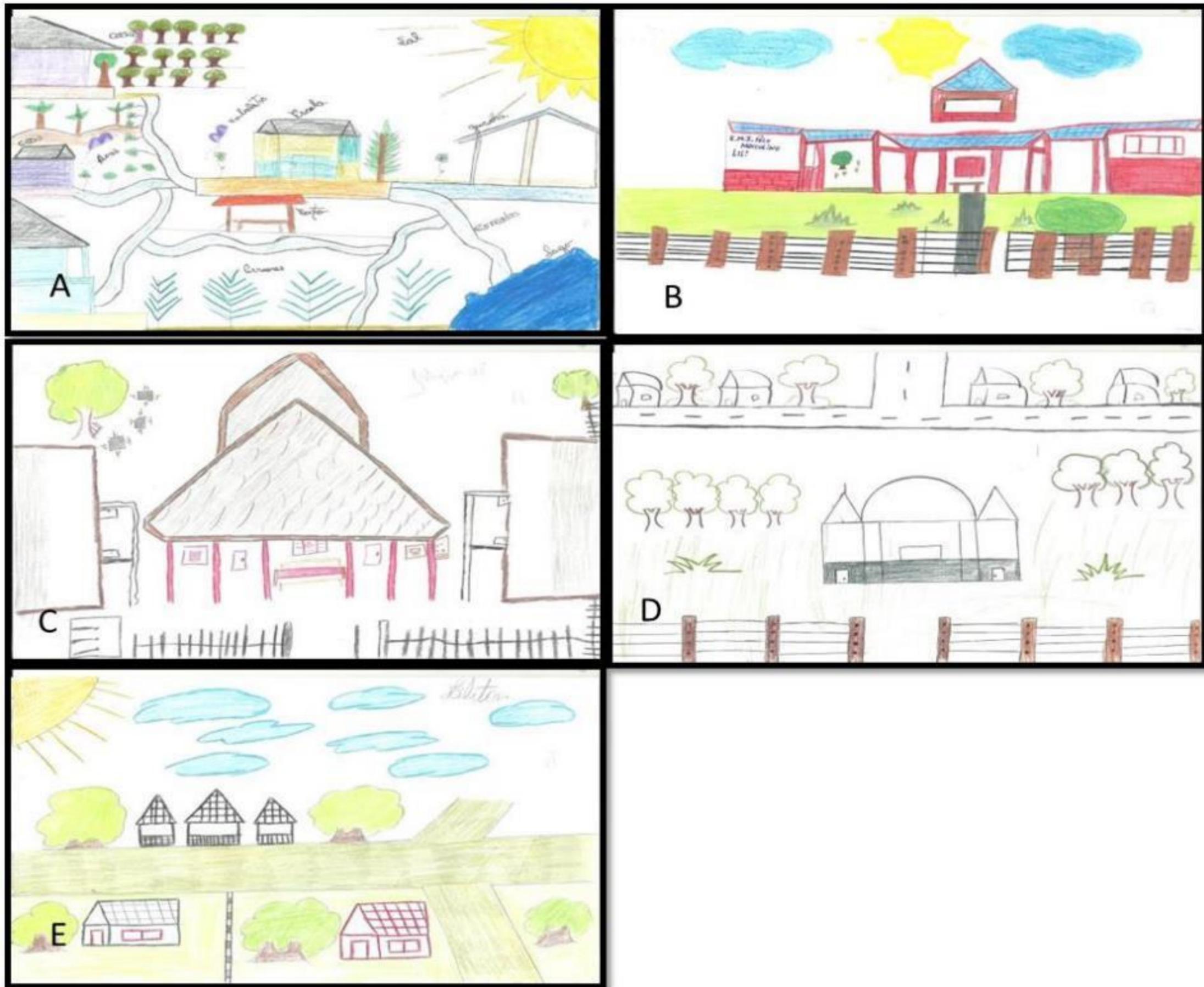
Fonte: A Autora, 2017

Os mapas mentais produzidos no segundo semestre do ano de 2017, foram organizados em cinco grupos (Figura 13 a 21), sendo dividido em cinco grupos: a localização espacial da escola e a vegetação, paisagem natural e cultural, organização espacial do quintal de cada aluno, espaço urbano e rural e o percurso casa-escola.

Conforme acrescenta Cardoso (2016 p. 82) “disso resulta o entendimento de que o mapa mental é individual, mas a mensagem dele parte de uma construção social, possibilitando que de um mapa mental para outro possa haver corroboração entre eles”. Essa percepção que muitas vezes parece ser plausível e semelhante é difundida pela diferença nos traços pertinentes a cada mapa mental.

As ilustrações das figuras de número 13 e 14 contêm grupos de mapas mentais com o tema Localização da EMIP Marcolino Lili e o que existe em seu entorno (vegetação).

Figura 13 - Mapas mentais de Geografia – Localização da Escola Indígena



O mapa mental A (Figura 13), demonstra uma variedade de elementos naturais e construídos pelo homem. O formato do desenho da escola não se encontra em sua estrutura formal, mas para cada signo o aluno coloca nomes para identificar os elementos existentes, assim como o traçado das ruas se dá não de maneira uniforme, mas existe uma busca constante de colocar todos os elementos em uma seqüência lógica, igual a da realidade, conforme o aluno consegue memorizar. E o faz com muita perfeição. O sol vislumbra em sua essência, e muitos objetos fazem parte, árvores em formato diferenciado para demonstrar diferenças entre as vegetações que ali existem. O ponto de ônibus se faz presente, assim como a lagoa que dá o nome a Aldeia. Também faz menção a uma área de pés de manga plantado.

No desenho B (Figura 13) permite visualizar que o elemento mais interessante na localização é somente a escola em sua essência, formato diferenciado, mas que é perceptível o que faz parte desse cenário, salas de aula, refeitório, o pátio e ao fundo duas salas que servem como depósitos e o banheiro dos professores. A escola cercada, por uma cerca de arame, com poucos elementos naturais.

O aluno que fez o mapa mental C (Figura 13), faz uma referencia principalmente a parte mais central da escola em si, colocando os lados as salas de aula com seus respectivos pilares próximas as portas, toda cercada, menos a entrada principal, com os pilares das bandeiras evidenciados, cantina, bebedouro, a mesa onde fazem os lanches, e um desenho representando os alunos tendo aula embaixo da árvore, devido ao calor intenso que existe nas salas de aula.

No mapa mental D (Figura 13), é demonstrado elementos construídos como a escola e algumas casas em formato de figuras geométricas, a cerca em linhas, juntamente combinando com os furos existentes em cada pilar da cerca, vegetação na parte da frente da escola em forma de grama e várias árvores ao seu redor. O tracejado da rua na parte de cima da escola com elementos naturais e construídos. É evidenciado no desenho da escola somente o refeitório, a sala dos professores e a secretaria.

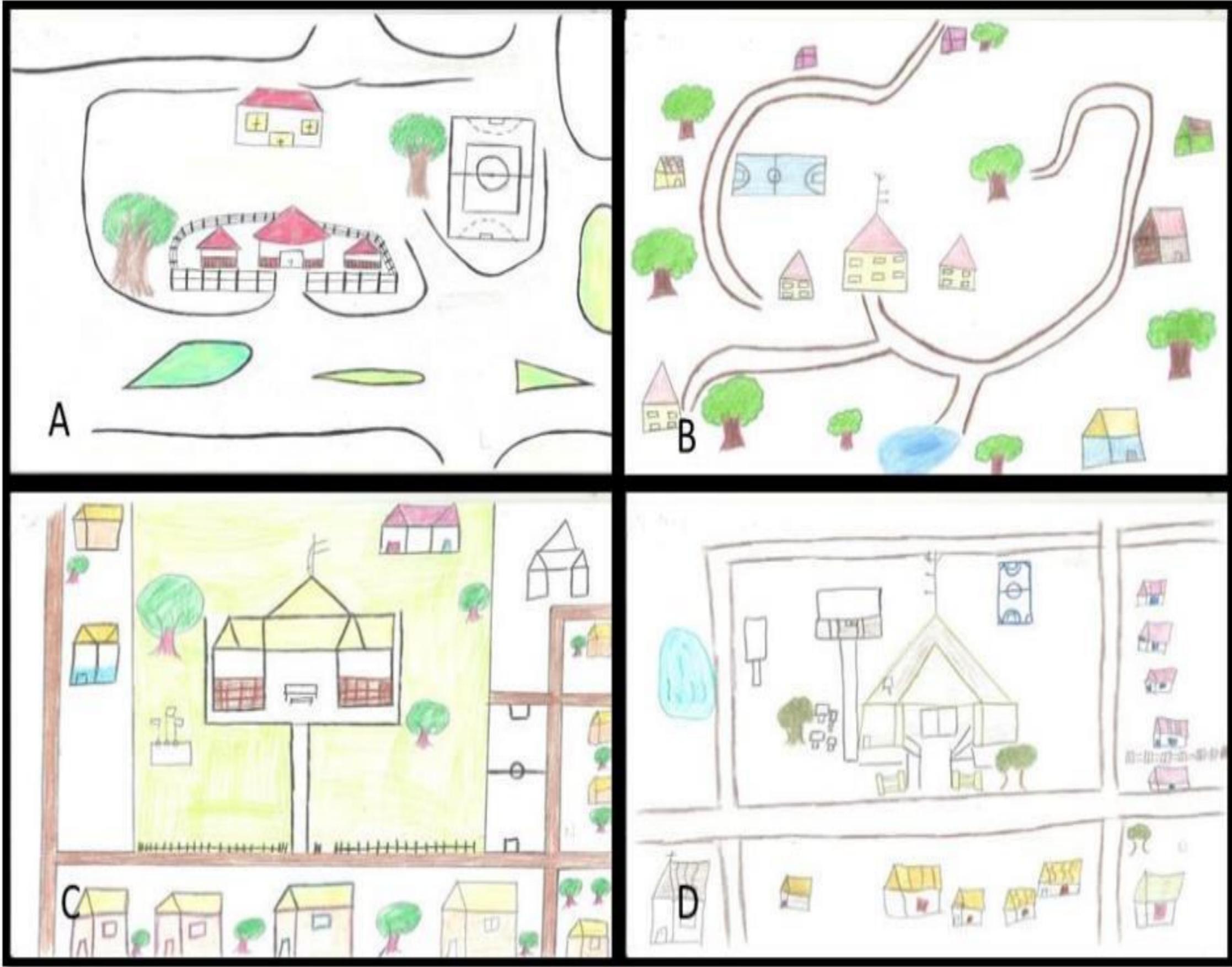
A representação E (Figura 13) tem a escola como ícone principal, mas como se a visualização do aluno fosse feita de frente, com os três blocos principais, o refeitório junto com a varanda, e as salas de aulas dispostas uma do lado da outra de cada lado da parte principal da escola, elementos construídos utilizando figuras geométricas, ruas bem largas e em linha reta, elementos naturais como árvores, o sol brilhando e muitas nuvens azuis no céu, há também uma passagem bem estreita que dá acesso as casas que estão do outro lado da rua. Sendo utilizado como passagem de pedestre.

Os ícones desenhados nos mapas mentais desse grupo demonstram uma maior diversidade de elementos que fazem parte da paisagem tanto natural como artificial, muitas

cores variadas e fortes e figuras geométricas bem diferenciadas, traços firmes e precisos com muitos detalhes. Conforme acrescenta Cardoso (2016 p. 95) “a interação do ser com o espaço constrói a sua percepção geral”. O formato com que cada mapa mental é desenhado representa o imaginário ou o real de como cada aluno percebe o seu espaço, mesmo acrescido de muitas formas de representação diferenciadas do normal.

Analisando esse grupo de mapas mentais a luz da geografia em relação ao conteúdo proposto para os mapas mentais localização e vegetação, percebe-se o formato da escola chega a ser o bem próximo ao da realidade. A vegetação predominante neste contexto a de Cerrado, com suas características próprias, possuindo também árvores frutíferas, plantadas pelo homem para a sua sobrevivência e muitas vezes quando há excedentes vão ser vendidos dentro da Aldeia e também em outras localidades fora dela, mantendo um convívio com pessoas tanto de outras aldeias, como pessoas que moram nas cidades. O clima é o tropical com características bem acentuadas, calor constante e chuvas abundantes em certas épocas do ano. Devido ao calor excessivo em certos períodos do ano, alguns professores acabam dando suas aulas fora das salas de aula, embaixo dos pés de árvores que foram plantadas dentro do pátio da escola. Em relação a hidrografia da Aldeia tem a presença da lagoa que a alguns anos atrás era o que mantinha o abastecimento das famílias que ali residiam. Com os passar dos anos foram desmatando próxima a lagoa, retirando a vegetação nativa para o plantio de roça, para a sobrevivência, diminuindo a água da lagoa. Na época desta pesquisa, nos anos de 2017 e 2018 a lagoa se encontrava seca. Nos dias atuais o abastecimento é feito por uma caixa de água central.

Figura 14: Mapas mentais de Geografia – Localização da Escola Indígena



No mapa mental A (figura 14) o aluno utiliza variadas formas geométricas para a construção dos ícones, colocando a escola na parte central, fechada por cercas, elementos naturais como gramas e algumas árvores, as duas salas e o banheiro que fazem parte do quintal da escola é colocada fora dos limites da escola. Tem uma visão da quadra de esportes que ainda não está coberta, as ruas não tem um tracejado uniforme, sendo que existem muitos canteiros com grama fazendo parte da rua.

No mapa mental B (Figura 14), existem elementos naturais como as árvores e a lagoa, elementos construídos de forma geométrica, a escola com suas janelas e com sinal de internet, as casas bem distribuídas ao longo do desenho, as ruas feitas em linhas curvas e campo de futebol do lado esquerdo da escola.

O ícone do mapa mental C (Figura 14) permite perceber a escola no centro, com suas salas de aula, mesa e bancos, sinal de internet, sua entrada dividida em dois portões, uma maior e outra menor; o local para astear as bandeiras bem estratégico, áreas verdes em todo o entorno da escola, algumas árvores e ao fundo as duas salas de depósitos e o banheiro dos professores, toda cercada de arame. Fora da escola observa se muitas casas construídas de forma padrão, ruas em linha reta, mostrando algumas quadras, o campo de futebol ao lado da escola e ao fundo a quadra de esportes coberta.

Assim como argumenta Richter (2010 p. 70):

[...] em outros termos, para um individuo de tenra idade que ainda não consegue ou não possui um intelecto capaz de desenvolver uma conexão abstrata entre a palavra e o conceito, essa função se estabelece no fator de representação simbólica do objeto. Assim, como existem diversos objetos presentes no cotidiano, torna-se necessário discriminá-lo perante todos os outros, pelo uso de uma forma de expressão. Para atingir isso, o primeiro passo é transformarmos esse objeto numa linguagem verbal/abstrata /comunicativa /nominal, ou seja, por meio da palavra.

Richter coloca a importância dos elementos mapeados pelos alunos no mapa mental, buscando na memória quais os objetos contidos em sua mente que faz uma conexão com a realidade, e o significado de cada signo presente no dia a dia.

Na perspectiva do mapa mental D (Figura 14) observa se as quadras da aldeia, sendo que na quadra maior se localiza a escola com seus elementos naturais (árvores) e seus elementos construídos (portão de entrada, sala dos professores e da secretaria, caixa de água, alguns bancos dispostos embaixo das árvores, onde os alunos ficam no intervalo, a torre de internet e a quadra de esporte ficam dentro dos limites espaciais da escola e não tem cobertura. Nas outras quadras verifica construções de casas em tamanhos maiores e menores, com cores diferentes e com cercas, a igreja localizada no lado esquerdo e a lagoa na parte superior no lado esquerdo

da escola, ruas em linhas retas e uniformes. Desenho em perfeita harmonia e com os ícones nos locais corretos.

Todos os mapas mentais desse grupo demonstram que os alunos têm conhecimento de como está dividido os limites espaciais da aldeia em lotes ou quadras, não se esquecendo dos elementos naturais e construídos pelo homem, levando em conta que muitos desses espaços hoje se fazem diferentes de como era há alguns anos atrás e não esquecendo um elemento primordial para a comunidade indígena dessa localidade, a lagoa. A divisão territorial das quadras não são todas iguais, mas é bem notável as quadras de cada família, ou são cercadas com arame ou com plantas. As roças se localizam afastadas da área central da aldeia, algumas fazer pequenas hortas em seus quintais. Como descreve Vesentini e Vlach (2010 p. 15) apesar de não terem a preocupação de aperfeiçoar continuamente suas técnicas e seus instrumentos, esses grupos humanos também modificam a natureza, só que em grau bem menor que a sociedade industrial. Quando se fala sobre organização dos espaços é plausível dizer que as casas mais próximas uma das outras são de pessoas da mesma família.

Em relação a tecnologias, pode-se dizer que nos dois últimos anos já se fazem presentes na aldeia, como a internet. Muitos alunos vão para a escola com celulares.

4.2.2 – Mapas mentais: Estudo de paisagens naturais e culturais

O segundo grupo de mapas mentais da primeira etapa (Figura 15 e 16) nos remete ao conteúdo estudado sobre paisagens naturais e paisagens culturais. Levando em conta o local onde moram (Aldeia) e outros locais de vivencia desses alunos, ou a passeio ou de repente se moraram em outras cidades. Foi dividida a folha A4 em duas partes para que eles pudessem estar desenhando as paisagens. Sendo que em uma parte construindo uma paisagem natural e na outra a paisagem cultural.

Segundo Pontuschka (2009, p. 299):

Desenhar a paisagem, desde as primeiras séries até a universidade, possibilita o desenvolvimento da sensibilidade por meio da visão. A observação dirigida, quando realizada nas visitas e nos trabalhos de campo, aprimora a habilidade de expressão gráfica e estética, de leitura e interpretação dos sinais da natureza, de levantamento de hipóteses e de confrontos de explicações e teorias sobre, por exemplo, as tendências de expansão ou degradação do espaço local.

Hoje existem poucas comunidades indígenas que não mantêm contato com o homem branco, são algumas que existem em locais mais afastados das cidades, como por exemplo, os que moram na Floresta Amazônia. Não tem contato nenhum, ainda se mantêm da mesma maneira que antigamente, mas em pequenos números de habitantes. Os que têm certo convívio

com outros habitantes demonstram interesse em seus modos de vida. Sempre na busca de uma melhor qualidade de vida dentro ou fora do seu habitat natural. Pouquíssimo se tem de atividades sustentáveis dentro da Aldeia, a não serem os aposentados, e alguns que tentam sobreviver das roças plantadas e algum incentivo social do governo (cesta básica).

No mapa mental A (figura 15), o aluno fez margem na folha, deixando espaço igual para ambas as atividades. A paisagem natural é composta por árvores frutíferas, árvores nativas, ruas não pavimentadas, rio com água bem limpa céu azulado com nuvens azuis, um sol que remete estar bem quente, alguns morros e uma grama bem verdinha com alguns tipos de flores. O que domina a paisagem cultural são os elementos construídos pelo homem, como os prédios altos, juntamente com antenas parabólicas, acesso a internet, casas grandes com telhados diferentes e com cores diferentes, com asfalto por todos os lados, faixa contínua para carros.

Na representação dos ícones B (Figura 15), a paisagem natural é formada por árvores frutíferas, plantação em forma de roça, árvores nativas, algumas serra ao fundo com formatos e alturas variados, o solo bem cuidado, céu azul com nuvens esplendorosas e um sol extremamente brilhante. Já a paisagem cultural é respondida por uma infinidade de elementos construídos pelo ser humano. Formato das ruas e das quadras, casas, sinais de trânsito bem visíveis, hotéis com toda infraestrutura, garagem, quadra de esporte. Lotes vazios com lixos; quadra com apartamentos individuais, escola de grande porte, com quadra coberta e campo de futebol, praça com piscina grande e bancos para sentarem.

No mapa mental C (Figura 15) a paisagem natural bem preservada, com árvores frutíferas, árvores nativas, pés de coco vegetação gramínea, rio bem preservado, sem poluição que se abre em dois braços, flores diversas. A paisagem cultural com lotes bem definidos composto por prédios com várias alturas e cores diferentes, igrejas, casas, escolas e Universidades. Asfalto em todas as ruas, sinalização bem visível. E por ser um espaço maior, podem ocorrer chuvas em alguns lugares e outros não.

A representação natural D (Figura 15) é composta por muitas árvores nativas, gramíneas, muitas formações de cupinzais e o rio limpo, muitos pássaros. Na paisagem cultural se faz presente muitos prédios comerciais, apartamentos, casas extremamente grandes, bastantes gramas próximas aos prédios, asfalto, pássaros.

Figura 15: Mapas Mentais paisagem natural e cultural



O mapa mental E (Figura 15) representa uma paisagem natural com árvores espaçadas de pequeno porte, algumas pedras que rolaram dos morros a tempos atrás, um rio sem poluição com muitos peixes e uma área totalmente verde no percurso do rio. Em relação a paisagem cultural, o traçado das ruas e sinalização diferentes, com asfalto, escolas em tamanhos maiores, prédios que podem ser apartamentos residenciais ou comerciais. Nesta paisagem chove com certa frequência em determinados períodos do ano.

Nesse grupo de mapas mentais percebe-se a predominância das pinturas nas cores bem fortes, traçados firmes e precisos, alguns representados em loteamentos e outros tendo uma rua asfaltada como a principal.

Como diz Cavalcanti (2010, p. 148):

Levar em conta o mundo vivido dos alunos implica apreender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado, o que pode vir junto com outras ações, como por exemplo, as atividades de observação.

Nessa percepção que Cavalcanti faz, entende-se que os nossos alunos não moram na cidade e sim em Aldeias, mas que tem um entendimento bastante adequado em relação a paisagem natural e cultural, processo esse que advém da vivência e das transformações ocorridas nas Aldeias. Nas Aldeias também existem pessoas que estão conectadas com o espaço das grandes cidades, e acabam levando para o interior das Aldeias os conhecimentos adquiridos nestes espaços. Quando é descrito a paisagem natural, os alunos possuem uma visão de que a natureza ainda não foi modificada pela ação do ser humano, mas geograficamente esse espaço acaba tendo uma transformação menos intensa. Por ser uma área com menos desenvolvimento industrial, com certeza menos poluição terá, os biomas serão mais preservados. O desmatamento só será apresentado por uma necessidade de plantio ou para a construção de casas. Como ressalta Vesentini e Vlach (2010 p. 12): “a ação humana sobre a natureza para garantir a sobrevivência dos indivíduos é uma característica encontrada nos mais diversos grupos sociais, nos diferentes momentos da História”. Qualquer povo ou sociedade modifica a natureza, embora de formas diferentes. Sendo os indígenas um povo que preserva bastante o meio ambiente, e possui uma visão diferenciada em relação a preservação da natureza. Quando se fala em paisagem cultural, os alunos conseguem ter uma noção de como é, pois os mesmos moram nas aldeias, mas fazem parte de um espaço geográfico maior, podendo ter morado em uma pequena ou grande cidade e retornado para a Aldeia, considerando-a como uma paisagem cultural, pois mesmo sendo indígena, ele também é um ser social que transforma a natureza.

Figura 16: Mapas Mentais paisagem natural e cultural



No mapa mental A (Figura 16) a paisagem natural composta por árvores com troncos retorcidos, gramas altas e mais verdes próximas às árvores, pequenas rochas, flores nativas, o sol se pondo atrás das nuvens e um rio largo e limpo. A paisagem cultural é aqui definida por um prédio de apartamentos muito alto, algumas de suas janelas as suas luzes estão acesas, e outras as pessoas estão dormindo. O asfalto bem sinalizado com carros trafegando em seu sentido normal.

Nessa representação B (Figura 16), o aluno margeou a folha em forma de quadro. A paisagem natural identifica que o rio nasce nas partes mais altas, margeados por vegetação ao longo do seu caminho, podendo formar cachoeiras em alguns lugares e o sol sorrindo em sua plenitude. A paisagem cultural está relacionada a casas grandes construídas ao longo das ruas asfaltadas com algumas árvores, por onde trafegam carros vermelhos.

No mapa mental C (Figura 16) o aluno descreve uma paisagem natural extremamente diversificada em suas árvores com formatos diferenciados, frutíferas ou não, vegetação as margens do rio que possuem jacarés e alguns tipos de peixes, céu nublado com o sol se pondo atrás de uma nuvem e muitos pássaros. A paisagem cultural com ruas traçadas em linhas não retas, quase escurecendo, casas grandes e pequenas, prédios comerciais, igrejas, escola formada com figuras geométricas com sinal de internet e toda murada.

O mapa mental D (Figura 16) descreve a paisagem natural de forma bem simples, com árvores grandes e pequenas, muitos pássaros voando no céu azul composto por algumas nuvens e o sol aparecendo timidamente. Já a paisagem cultural praticamente formada por ruas sem asfalto e com casas grandes.

O aluno que fez o mapa mental E (Figura 16) onde a paisagem natural é representada pelo verde das copas das árvores e também do gramado, árvores de diversos tamanhos. A paisagem cultural é representada por várias casas em um mesmo telhado, igrejas, casas grandes e carros. E como comenta Richter (2010 p 116) “os mapas mentais dão a possibilidade do seu autor incluir elementos subjetivos que, na maioria das vezes, não estão presentes nos mapas tradicionais”.

Nesse grupo é percebido que o tamanho dos elementos desenhados é grande, utilizando sempre figuras geométricas com formas bem variadas, linhas nem sempre retas, predominância de elementos bem coloridos. Nesta análise nota-se que há uma relação correta no sentido de que os rios nascem nas partes mais altas do relevo. Suas nascentes devem ser bem preservadas, para que suas águas formem os rios, esses que produzem uma alimentação rica para muitas pessoas que dependem dele. A vegetação nativa as margens devem ser bem preservadas para que não haja um assoreamento, ou problemas de falta de água para população em geral.

Existem vários tipos de rios, como os perenes ou temporários. Muitos lugares acabam sucumbindo a prática do turismo como forma de demonstrar a beleza que é a natureza, preservando-a e ganhando dinheiro através desta prática. Como diz Lucci; Branco (2015 p. 150):

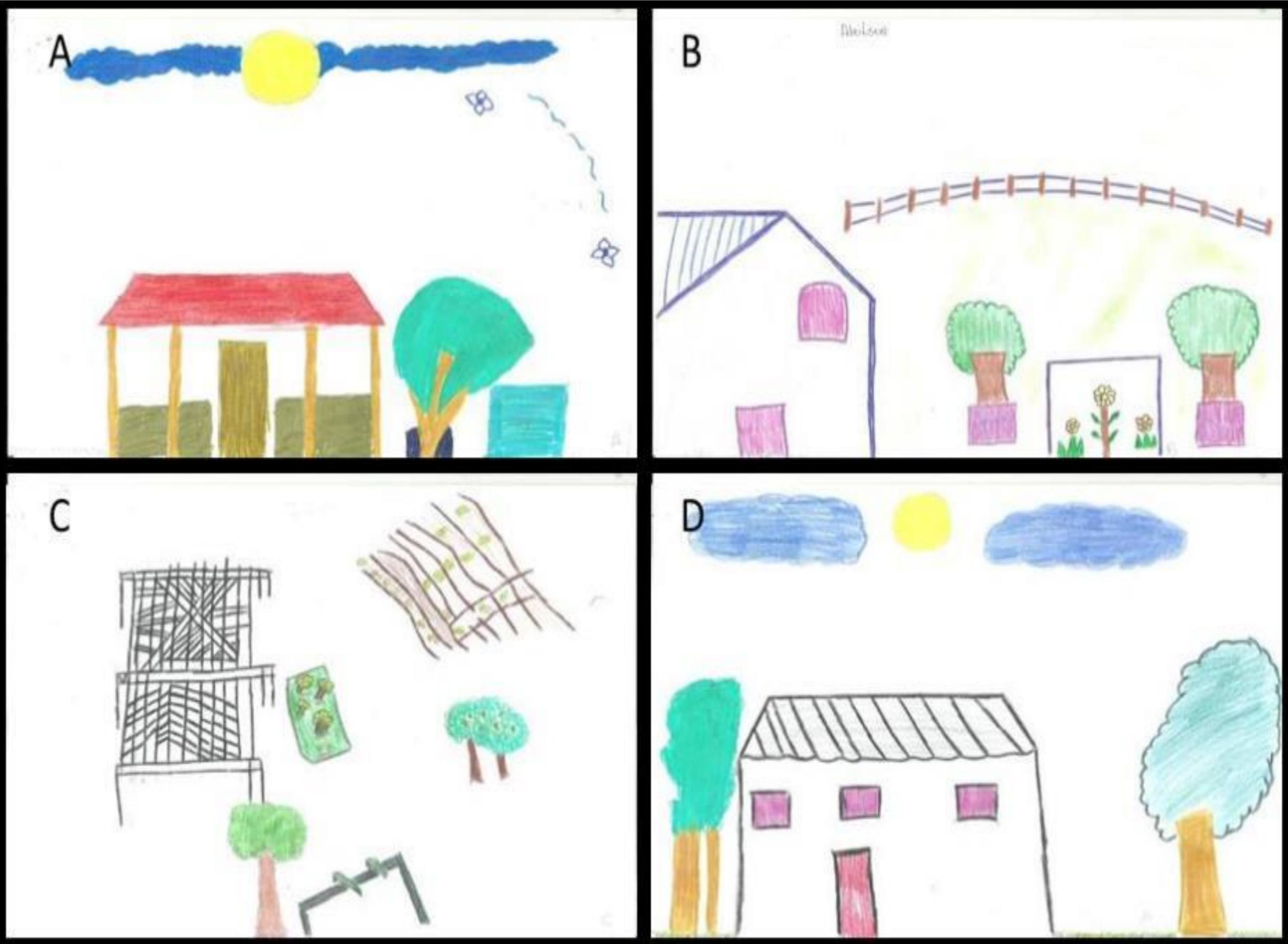
O ser humano utiliza a água de várias formas, mas nem sempre se preocupa com o fato de esse recurso não ser ilimitado. O desperdício e a poluição das águas (por exemplo, com o despejo de esgoto industrial e doméstico sem tratamento) configuram-se como uso predatório desse recurso.

A paisagem cultural se mostra predominante quando se verifica os altos prédios que podem ser prédios comerciais ou de moradias. Muitas pessoas vão para os grandes centros em busca de uma vida melhor. Não podendo alugar ou comprar uma casa acabam indo morar em locais proibidos, como encostas de morros ou muito próximo aos rios. Esse processo acaba gerando grandes transtornos quando há a ocorrência de muita chuva, como desmoronamento dos morros ou de viadutos, transbordamento de córregos e rios entre outros.

4.2.3 - Mapas mentais: Organização do quintal onde o Aluno mora

Os mapas mentais em relação a organização do quintal onde os alunos moram foram divididos em dois grupos (Figura 17 e 18). No primeiro grupo os alunos pertencem a um grupo social mais humilde, sem acesso as novas tecnologias e com moradias mais simples. Em relação ao segundo grupo, a condição social dos alunos é um pouco diferenciada, possui uma renda melhor e tem acesso a celulares e internet.

Figura 17: Mapas Mentais organização do espaço onde moro



No mapa mental A (Figura 17) a parte de baixo da casa é feita de barro batido e o restante é feito de madeira, pilares de segurança em madeira e telhado em Eternit, porta de entrada de madeira. Uma árvore bem próxima a casa com bancos feitos de madeira para sentarem e tomar um tereré. Mais ao fundo se localiza o banheiro utilizado pela família.

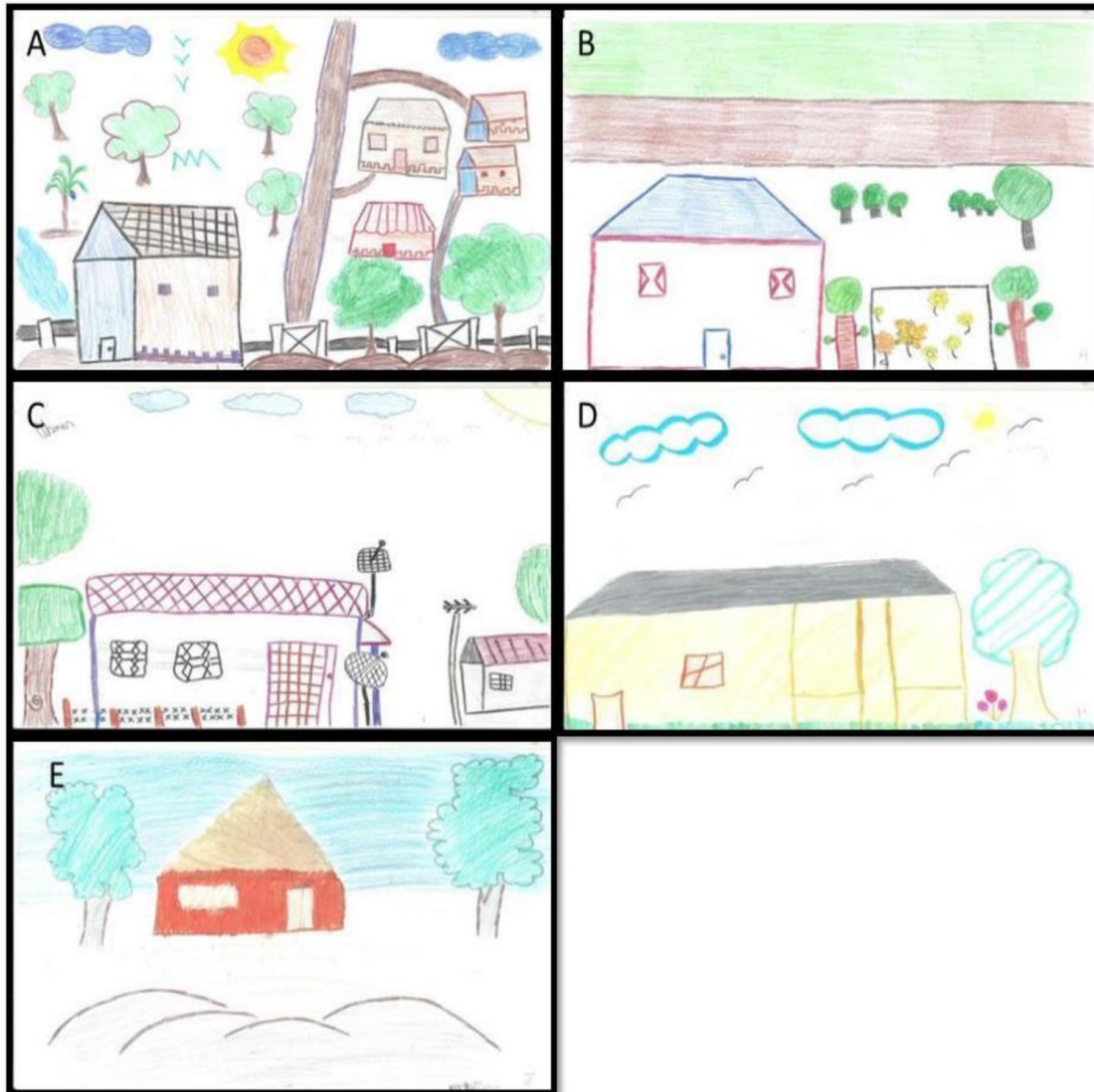
No mapa mental B (Figura 17) a casa é simples com portas e janela, sendo bem grande o seu interior, feita de tijolos, cercada de balaustre. Na frente há duas plantas do mesmo tamanho, plantadas em vasos, portão com um jardim bem na entrada. O quintal da casa é todo coberto por grama.

O mapa mental C (Figura 17) possui uma casa grande com dois telhados diferentes, um feito com folhas de eternit e a outra parte coberta com palha. Bem próximo da casa existe um aglomerado de pés de manga e outras espalhadas pelo quintal, mais ao fundo do lote há uma roça cultivada pela família para o consumo próprio. O lote é grande então fizeram até um campinho de futebol, em tamanho menor, onde se divertem e sempre aparecem alguns pássaros, para enfeitar o ambiente.

O ambiente de moradia apresentado no mapa mental D (Figura 17) é definido como uma casa grande de tijolos e telhas normais possui somente uma porta e três janelas, próxima a ela existe duas árvores frutíferas uma de manga e uma de laranja. É meio dia, e o céu com nuvens azuis.

Neste grupo de mapas mentais os alunos descreveram como é o constituído o quintal da casa aonde moram. Utilizaram formas geométricas variadas (círculos, quadrados, triângulos), linhas retas e firmes em seus traçados, cores vivas e o que realmente possui em cada lugar. As casas desenhadas sempre em tamanho grande, com telhados diferentes uma da outra. Também utilizando de elementos naturais (árvores, sol, nuvens), pássaros e grama. A análise que se faz deste grupo de mapas mentais é de esses alunos vivem em uma comunidade onde as diferenças que existem entre o seu espaço de vivência, ou seja, o seu local de moradia é tecnicamente simples, sem muito luxo e nem conforto. Composta por algumas casas feitas de barro batido ou de madeira, com banheiro fora da casa, cercada de arame, balaustre ou por pingos de ouro. Muitas vezes as condições socioeconômicas da comunidade as condicionam a ter uma vida assim, pois não há empregos para todos na comunidade. Os que podem ter uma renda são os que trabalham na escola, no posto de saúde, alguns que vendem os produtos que plantam e os aposentados. Muitos mal conseguem sobreviver com o auxílio alimentação que o Estado fornece. Tudo isso faz com que muitos alunos em épocas de colheita, da maçã, por exemplo, na Região Sul do Brasil, parem de estudar e vão trabalhar, não só os jovens, mas adultos também.

Figura 18: Mapas Mentais organização do espaço onde moro



O mapa mental de moradia A (Figura 18), coloca em primeiro plano a igreja, tem dois portões que dão acesso a varias casas (grandes e pequenas) que se localizam próximas uma das outras. Para se chegar até as casas passam por trieiros. Em todas as casas existem desenhos indígenas em suas paredes, perfazendo um total de quatro famílias morando nessa localidade. Possui uma grande quantidade de árvores frutíferas e pés de coco, na lateral esquerda da igreja, mais ao fundo passa um córrego.

A representação do local de moradia B (Figura 18) tem o formato da casa com telhado diferenciado com duas janelas e uma porta na parte da frente, o quintal é composto por árvores frutíferas e um jardim com flores diversas, não é muito grande esse lote. No fundo da casa existe uma rua que se depara com um terreno somente com grama.

O mapa mental C (Figura 18) apresentou uma casa grande com formato de telhado diferenciado (telhas), muitas figuras geométricas, portas e janelas com grade de proteção, varanda cercada, antena parabólica e internet. Pouca vegetação. No lado direito uma casa menor com janela e com antena pé de galinha, com uma árvore ao lado, um sol meio escondido e muitas nuvens no céu.

O mapa mental D (Figura 18) trás uma abordagem para uma casa bem grande, telhado de Eternit, portas e janelas de madeira, com varanda no fundo, local bem tranqüilo, com pouca vegetação e algumas flores plantadas perto da casa.

O mapa mental E (Figura 18) o local da casa fica num relevo mais alto, com uma casa usando a figura de um triangulo para o telhado, possui uma janela bem ampla e uma porta que se abre ao meio (com duas folhas) de madeira. Alguns resquícios de rochas na parte da frente da casa.

Nesse grupo de mapas mentais observou-se que não existe só a casa do aluno no quintal, existem também ou é a casa da tia ou de avó. Os filhos quando casam acabam construindo no mesmo quintal por ter um espaço maior e acabam sendo separados por uma cerca, mesmo sendo da mesma família. Utilizaram algumas cores bem vivas, figuras geométricas diferenciadas. Utilizaram a folha A4 mais na horizontal para melhor representar o espaço.

Conforme argumenta Richter (2010 p. 116) sobre a valorização dos mapas mentais:

A necessidade de valorizarmos esse tipo de representação do mapa, mais flexível e mais integrado ao processo de mudanças que ocorrem na sociedade, se justifica pelo fato de esta concepção nos permite formar indivíduos capazes de compreender o mapa para além do processo de copia. A ideia é tornarmos o mapa um meio de linguagem que contribua na expressão e interpretação do cotidiano.

Neste grupo de mapas mentais há uma diferenciação em relação ao outro grupo. As condições socioeconômicas acabam sendo um pouco diferenciadas, ou seja, melhores. As casas são grandes com varandas e para demonstrar a sua cultura fazem desenhos Terenas nelas. Em relação aos meios de comunicações possuem celular, internet, antena parabólica, TV, carros ou motos.

Como salienta Lucci; Branco (2015 p. 16) “as variadas formas de organização social e espacial das sociedades em geral não são determinadas somente pelas condições naturais. O que determina essa diversidade são as relações que ocorrem entre os grupos sociais ao longo da história”. A comunidade indígena por si só é simples. Procuram manter a sua cultura através da língua materna, das danças, comidas típicas. Mas que também estão se abrindo para outros horizontes, através da educação.

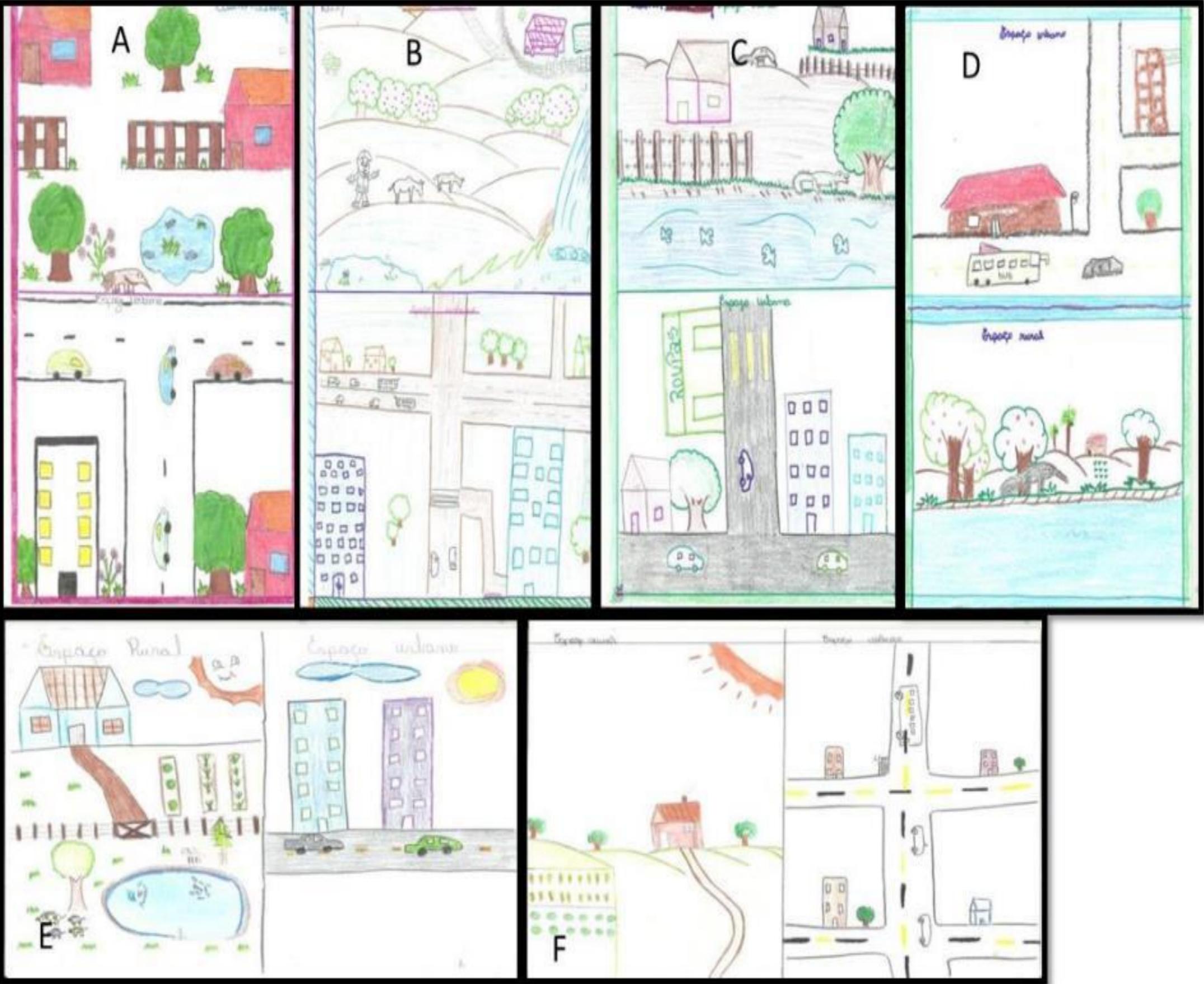
Na busca constante para um melhor aprimoramento nas intenções de cativar o aluno para que o mesmo olhe para a disciplina de Geografia com uma visão de que ela faz parte do cotidiano de vivência dele desde o momento em que nasce, entendemos que essa primeira parte do trabalho foi bastante produtiva, primeiro, pela pesquisadora ministrar aulas nesta turma de 6º Ano em 2017, segundo, trazendo uma metodologia de mapas mentais capaz de suprir a necessidade de um olhar diferente a disciplina em questão e o empenho dos alunos na compreensão dos conteúdos estudados.

4.2.4 – Mapas Mentais: Espaço Urbano e Rural: Turma 6º Ano 2018

A segunda etapa de produção dos mapas mentais foi realizada com os alunos do 6º ano da EMIP Marcolino Lili, turma de 2018. O primeiro grupo de mapas mentais estava relacionado ao assunto sobre Espaço Urbano e Rural, sendo que nesse primeiro grupo só havia alunos da aldeia Lagoinha, um da Aldeia Água Branca e um da Aldeia Morrinho, perfazendo um total de 17 alunos frequentes. A segunda parte dos mapas mentais levou em consideração o tema Percurso que faziam de casa até chegar a escola.

A partir do que foram explicados em sala de aula sobre o tema Espaço Urbano e Rural, com exposição de fotos do espaço urbano e rural, os alunos passaram a fazer os mapas mentais só utilizando a imaginação do que foi explicado. Para isso foram utilizadas quatro horas/aulas.

Figura 19: Mapas Mentais Espaço urbano e rural



Como foi para representar o estudo em geografia do espaço urbano e rural, o aluno fez um mapa mental A (figura 19), dividindo a folha A4 para separar os dois temas. Ele utilizou linhas, formas geométricas e um traçado perfeito em sua representação. Os ícones foram bem distribuídos pela folha. O espaço rural apresenta ícones construídos (casa, porta e janelas, cerca, canteiro de verduras e a entrada até a casa) e também possui elementos naturais (árvores, lagoa com peixes, animais, nuvens e o sol). Ele procurou separar o espaço da casa e o espaço onde os animais ficariam como é o normal no espaço rural. Já no espaço urbano, ele fez relação entre uma cidade bastante movimentada, com carros passando pela avenida asfaltada e os seus prédios imponentes. Utilizou linhas na horizontal e na vertical para compor o mapa.

O entendimento do aluno em relação ao mapa mental B (Figura 19) apresenta ícones, linhas e formas geométricas para a composição de forma organizada, com uma pintura bastante forte dos elementos que compõem o espaço rural casas com portas e janelas da mesma cor, cerca feita em madeira, as árvores bem distribuídas pelo quintal, flores, animais andando solto, e uma lagoa com peixes. No espaço urbano, fez uma relação entre os elementos feitos pelo homem, como os carros trafegando pelo asfalto em sentido diferente, os condomínios residenciais com suas flores, casa com árvores compondo a paisagem.

O desenho C (Figura 19) possui ícones, linhas e formas geométricas para caracterizar e diferenciar o espaço rural a casa separada com cerca no canto direito da folha em cima, com sua entrada feita com pedrinhas, uma horta próxima a casa, demonstrando que o espaço é bem grande onde o relevo não é totalmente uniforme, com a presença de árvores frutíferas e a criação de cavalos, comandado pela figura de um homem no campo. Nessa propriedade rural o dono é bem feliz por que existe uma cachoeira que passa pela propriedade, onde ele aproveita os peixes, que são consumidos pela família, e também como lazer, nos dias muito quentes. No espaço urbano apresenta muitos elementos artificiais (avenidas principais com vias duplas asfaltadas com intenso tráfego de veículos pequenos e grandes, sinalização para pedestres, prédios comerciais e apartamentos, casas) e elementos naturais (árvores e o gramado).

Esse espaço rural D (Figura 19) está localizado bem próximo ao rio Aquidauana, possui uma casa principal (patrão) e uma casa do caseiro (que toma conta da propriedade enquanto os donos estão na cidade) separada por cercas, o relevo é um pouco acidentado. Por ser próxima do rio serve como área de descanso para a família do dono. Os animais aparecem de vez em quando, mostrando sua beleza esplêndida. A vantagem dessa região é que o rio é bem piscoso, possuindo uma grande quantidade de peixes. O espaço urbano é por sua vez composto por elementos como asfalto sem sinalização, podendo ocorrer inúmeros acidentes, com o tráfego

intenso de carros, apenas com a sinalização para passagem de pedestres em frente a uma loja de roupas, prédios um próximo do outro, casas com árvores.

Há uma interação do mapa mental E (Figura 19), onde o meio rural serve basicamente para a produção de alimentos para ser vendidos e comercializados na cidade, existe uma grande plantação de arroz e melância, uma casa com portas, janelas e que dentro dela possui na cozinha um fogão a lenha, a área de plantação é separada devido ao terreno ter uma maior inclinação. A cidade é dividida em quadras, algumas com casas simples, outras com prédios não muito altos, avenida asfaltada, há o intenso movimento de veículos diversos (carros de passeio, ônibus). Existe a preocupação em relação ao lixo que são descartados pelos moradores dos apartamentos, tendo grandes lixeiras para o descarte do lixo.

Neste grupo de mapas mentais observou-se que os alunos utilizaram a folha margeando, na parte de cima repartindo em duas partes, um com elementos do espaço rural e do outro lado espaço urbano. Utilizaram-se formas geométricas de variadas formas (círculos, triângulos, quadrados). Traçados firmes e pontuais, cores vivas. Alguns mapas mentais foram elaborados utilizando a folha no sentido vertical, com margens nas folhas, de forma bem colorida e atraente aos olhos.

O espaço rural e urbano são formas diferentes de poder organizar o espaço geográfico ocupado e transformado pelo ser humano. Nos mapas mentais há uma distinção feita pelos alunos em relação ao rural e urbano, apesar de ambos sofrerem alterações ao longo dos tempos. Essa concepção se baseia na Revolução Industrial que provocou profundas modificações nas cidades. Os alunos conseguem visualizar um espaço rural como um meio que oferta produtos primários para a cidade, sabendo também que nos dias atuais o campo conseguiu se adaptar as novas tecnologias, causando com isso, inicialmente grandes transformações nas cidades, tanto no aspecto físico como econômico e social. Quando se aponta que o campo também se modernizou, uma grande parcela da população se tornou obsoleta, partindo em busca de novas oportunidades nas cidades, causando assim como o crescimento da cidade, um enorme contingente de pessoas desempregadas e sem perspectiva de melhorias.

Figura 20: Mapas Mentais Espaço urbano e rural



A representação do mapa mental A (Figura 20), remete ao espaço de lazer de uma família que mora na cidade e vem para o campo somente para descansar da vida atribulada e corrida da cidade. Nessa paisagem observam-se linhas e formas geométricas para compor o desenho. Uma casa grande, com portas e janelas, na encosta da Serra, separada por cerca, a casa do caseiro, mais afastada e próxima ao rio, que produz uma quantidade razoável de peixes para o consumo próprio, e um quintal bem cuidado, com árvores nativas e plantas e flores. A cidade dividida entre prédios comerciais ou de apartamentos, com vilas de casas de formatos iguais (amarelas com telhado marrom), uma próxima da outra, sem muito espaço. Sobradinho com quintal e plantas, padaria com estacionamento, e muitas casas formando outras vilas.

O traçado do mapa mental B (Figura 20) leva em consideração o campo como atividade turística para descanso e pesca com casas alojamentos com sinal de TV, internet, garagem para os veículos, toda cercada com portão de madeira. Ótima para descanso e lazer. O rio passa dentro dos limites da propriedade, que é particular. Já na cidade há uma interação grande entre todos os elementos construídos, um prédio com apartamentos e garagem, um quintal cercado com balaustre, com árvore dentro de um canteiro, uma casa com uma porta fechada, onde o dono vende sorvetes em outra porta na mesma casa, com balcão e uma infinidade de sabores de sorvete. Existe a calçada feita pelos moradores próximos as residências e ao comércio, há também uma ciclovia, que separa a calçada do asfalto, todo sinalizado. O céu esta com nuvens e o sol começa a despontar.

Para o aluno que fez a representação do mapa mental C (Figura 20) o meio rural ainda está em formação. O dono da propriedade ainda não fez sua casa. Tendo que ir e vir da cidade todos os dias para alimentar a sua pouca criação de cavalos e vacas. Mas sua propriedade não é tão distante da cidade. Possui bom pasto para os animais que estão começando a criar, e também existem os animais que aparecem de vez em quando (tamanduá), muitas árvores. No meio urbano sobressai os condomínios com suas portas e janelas azuis, uma loja comercial próxima, uma calçada separando os prédios da rua asfaltada, com sinalização e passagem de ônibus.

Muito interessante o mapa mental D (Figura 20). Muitas vezes o espaço rural se localiza onde o relevo não é muito plano, então existe a necessidade de adequar esse espaço para ver o que vai poder produzir ou cultivar nele. Esse espaço rural tem em sua proximidade um córrego com passagem pela ponte feita de madeira, e o caminho até as casas foram feitas, não seguindo um padrão de rua, mas sim de trilheiro. Nesse espaço existem duas casas, porque são duas famílias (parentes) que moram ali, uma distante da outra, onde eles cultivam a produção de milho, cercada para que os animais não entrem para comer, árvores frutíferas diversas (laranja, jaca e coco), que comercialização também. No espaço urbano utilizou linhas retas, tracejadas, figuras

geométricas diversas para compor o cenário. Elementos construídos pelo ser humano (prédios de três andares com vegetação próxima, prédios com dois andares, casas grandes e um consultório médico, asfalto todo sinalizado em varias ruas.

O mapa mental E (Figura 20) está bem disperso, utilizando letras, linhas e formas geométricas. Nesse espaço rural há uma separação, existe a criação de animais que fica em lugares cercados, árvores frutíferas e plantações de cocos para a venda. Além da cerca que separa os animais uns do outro a propriedade rural é toda cercada também. No espaço urbano verificou-se a presença somente de prédios, podendo ser comerciais ou para habitação, duas igrejas, de religiões, tamanhos e formatos estruturais diferentes. As ruas asfaltadas, um tanto quanto confusa a sua sinalização, todas as setas indicando para que os carros vão para a mesma direção, dois carros trafegando fora do asfalto e uma pessoa sendo transportada em cima da carretinha de um dos carros.

A representação do mapa mental F (Figura 20), é marcada por diversas formas geométricas, linhas e cores diferentes. A casa com porta, janela e telhado colorido, bem distante das plantações de milho, que é todo cercado, árvores frutíferas e algumas nativas. No lado oposto da plantação há um espaço cercado com vacas leiteiras, um tanque de água, o relevo meio acidentado. Bem próximo a casa árvores onde são colocadas redes para o descanso no final de semana. Céu muito azul, com o sol se pondo no horizonte. A cidade mostra o asfalto sinalizado com faixas contínuas e semáforo, lojas de departamentos, mercado, padaria e um estacionamento que tem que pagar para deixar o veículo estacionado lá, com toda segurança possível.

Para produzir esse grupo de mapas mentais, os alunos utilizaram a folha no sentido horizontal, formas geométricas variadas, cores vivas. Alguns com margens, outros não. E a separação da folha ao meio dividindo as duas atividades. Elementos em perspectiva, com palavras para designar alguns locais como mercados, padarias, lojas de roupas, sorveteria, etc. alguns desenhos com símbolos para identificação. No espaço rural percebido pelos alunos é preciso instigar a verificação por parte dos mesmos que há muitas mudanças ocorrendo no espaço rural. Conforme diz Lucci; Branco (2015 p. 63): “as grandes e médias cidades brasileiras passaram a conviver ainda com outro problema: o grande número de pessoas em situação de rua, que vivem sob viadutos, marquises e nas calçadas”. Essas transformações acarretam grandes problemas no espaço urbano. Os alunos da Aldeia sabem que o espaço rural além de fornecer alimentos e matérias primas necessária aos seres humanos, também vem se modernizando, algumas áreas se tornando pólo turístico. Há uma grande quantidade de produtos que são produzidos, por exemplo, nas aldeias, e nem sempre esses produtos são vendidos, pois

estão voltados para a sua própria subsistência. Quando se tem um excedente são vendidos em feiras dentro das cidades.

4.2.5 – Mapa Mental: Percurso Casa – Escola

As atividades dos mapas mentais feitos pelos alunos foram condicionadas pelo fato dos alunos morarem uns próximos a escola e outros em outras aldeias. O quantitativo de alunos matriculados no ano de 2018 foi grande em vista dos outros anos. Um dos motivos seria que a escola da Aldeia Ipegue se encontrava em reforma e não tinham uma data formulada para o término da reforma. O outro motivo foi que a escola da Aldeia Bananal estava fechada por motivos internos, não aceitavam a direção escolar, briga política interna. Dessa forma os alunos dessas duas escolas acabaram indo estudar na escola da Aldeia Lagoinha. Assim que alguns desses motivos foram se resolvendo alguns alunos acabaram voltando para as escolas de suas Aldeias.

Segundo Pontuschka (2009, p. 294):

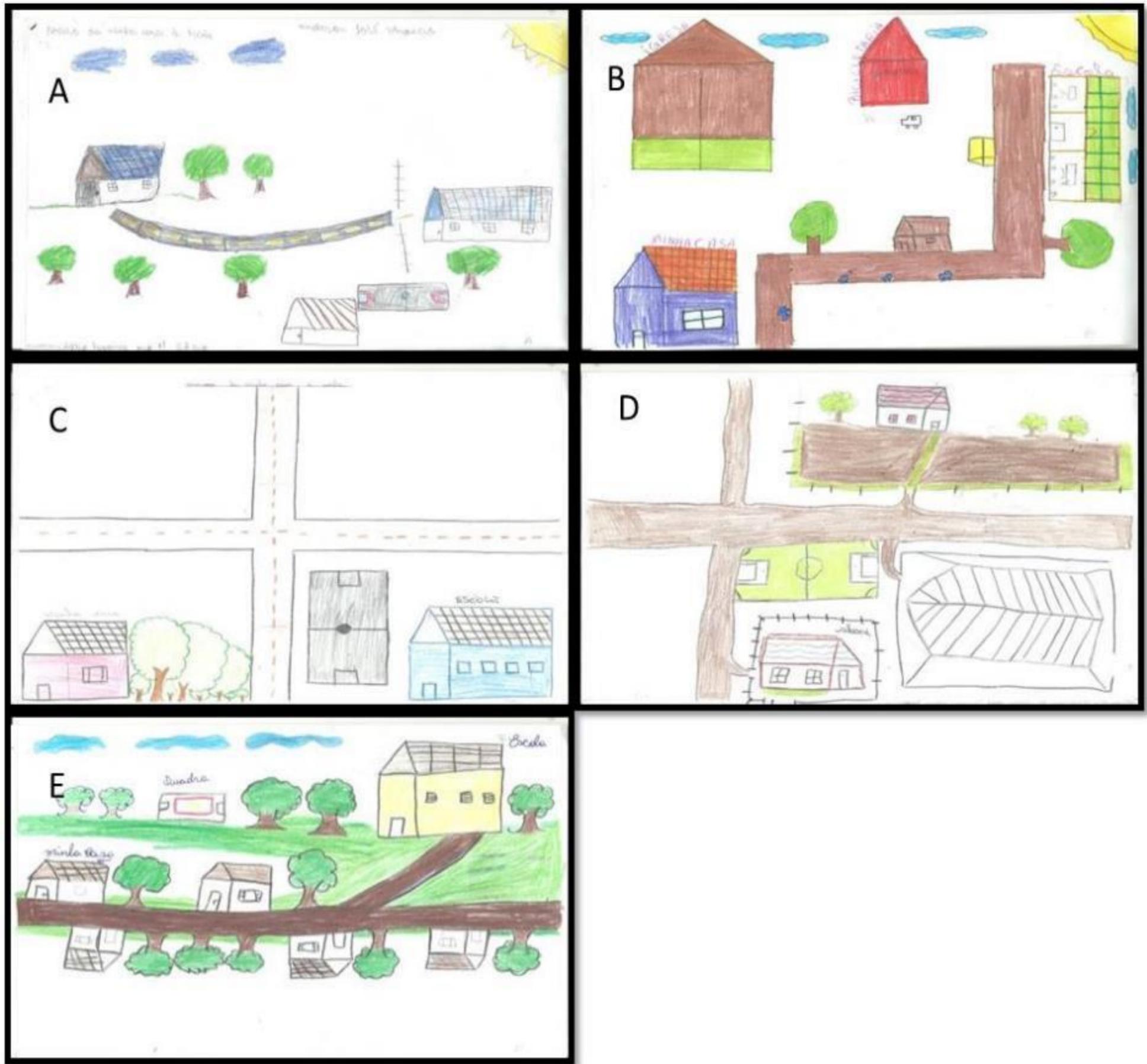
As crianças como os andarilhos e os viajantes, realizam mental ou geograficamente trajetos de um caminho a seguir. São capazes de apresentar, por meio da fala ou de uma escrita figurativa, o traçado desse roteiro com algumas referências básicas (uma casa, uma árvore, uma elevação, um parque, ilha, povoados ou cidades). Todos os trajetos têm como estrutura básica uma sequência espacial, ou seja, uma ordem espacial associada a um deslocamento no espaço em um período de tempo.

Os alunos das outras aldeias faziam o trajeto de ônibus. Quando o ônibus faltava muitos alunos acabavam indo a pé ou de bicicleta ou até mesmo os pais os levavam para não perder aula, nesse período de reformas.

O mapa mental A (Figura 21) demonstra que a caminhada até a escola não demora nada. Ele mora do outro lado da rua. Essa rua não fica em frente a escola. Possui elementos naturais (árvores, flores, nuvens, sol) e elementos artificiais (casa, escola e quadra de esportes).

A representação do mapa mental B (Figura 21) faz um trajeto de três quadras para chegar a escola, sendo que a rua é bem projetada e existe uma grande quantidade de movimento de carros e algumas bicicletas. Próximo a residência se localiza a Igreja Uniedas, uma bicicletaria e algumas casas (elementos culturais) e elementos naturais (nuvens, árvores, sol). No mapa também está desenhado duas salas de aulas com seus respectivos professores ensinando na lousa e os alunos sentados em suas carteiras. O formato da escola agrega formas geométricas diferenciada da escola normal. O mapa é estruturado com os elementos postos em consonância com o que existe na realidade.

Figura 21: Percurso casa / escola



O trajeto feito pelo aluno no mapa mental C (Figura 21) demonstra que é só atravessar a rua e já está na escola, praticamente sua moradia na outra quadra bem em frente ao campo de futebol de areia. Sua residência é bem arborizada com muitos pés de árvores frutíferas.

No mapa mental D (figura 21) a residência do aluno fica a duas quadras da escola, bem em frente à quadra de esporte coberta. Seus elementos culturais, casa e escola têm o mesmo formato, só diferenciando um pouco o telhado da escola, que é toda cercada de arame, ruas com formato ao mesmo tempo largo e estreito. Os elementos não estão agrupados de forma coordenada.

O aluno que fez o seu trajeto mapa mental E (Figura 21), descreve que precisa andar três quadras, passa por várias residências com cores e formatos diferenciados, muitos elementos culturais (todas as casas sem portas e janelas, somente a sua que possui) muitos elementos naturais (árvores, flores). O desenho da escola é simbólico (sem portas e janelas), com um portão a frente e a quadra coberta ao fundo da escola. O mapa foi elaborado dividindo a folha A4 em seis quadras Os elementos não se encontram na forma disposta na realidade.

Neste grupo de mapas mentais confeccionados pelos alunos, utilizaram várias formas geométricas (círculos, quadrados, triângulos) para delimitar o trajeto de casa até a escola. Alguns moram bem próximos a escola, sendo necessário só atravessar a rua. Mapas mentais separados por quadras para quem mora um pouco distante da escola, palavras para delimitar o que encontravam pelo caminho e pessoas dentro das salas de aula estudando.

Na análise do trajeto feito pelos alunos da casa até a escola nota-se uma dificuldade grande do aluno quando ele precisa delimitar a distância que percorre até chegar a escola, e também em relação às direções norte, sul, leste e oeste. É preciso que o aluno busque perceber qual é o seu ponto de referência, para a partir daí fazer a correlação do lugar de saída para o lugar de chegada, atribuindo a esse espaço transformações ocorridas de tempos em tempos. Trata-se de atividades diárias, como por exemplo, onde o sol nasce, onde ele se põe, lembrando dos pontos cardeais. Tornando plausível a observação dos elementos que existem ao longo do trajeto, como as paisagens naturais e as culturais.

O desenho do percurso do aluno A (Figura 22) mora na quadra atrás da escola na quadra localizado a norte da escola. Segundo o seu trajeto só tem uma casa depois da sua moradia, anda duas quadras e chega à escola. Desenhou as quatro salas de aulas existentes na escola (6º, 7º, 8º e 9º ano), com mesas e cadeiras, a mesa que fica bem no centro do corredor com bancos que dá acesso as salas de aula. As salas de aulas não estão dispostas nos lugares corretos, a sala do 6º e 7º ano se localiza uma do lado da outra sem espaço, assim como as salas do 8º e 9º ano.

Alguns elementos culturais como casas de diversos tamanhos, a quadra de futebol ao fundo da escola, elementos naturais (árvores e grama). Os elementos não estão dispostos corretamente.

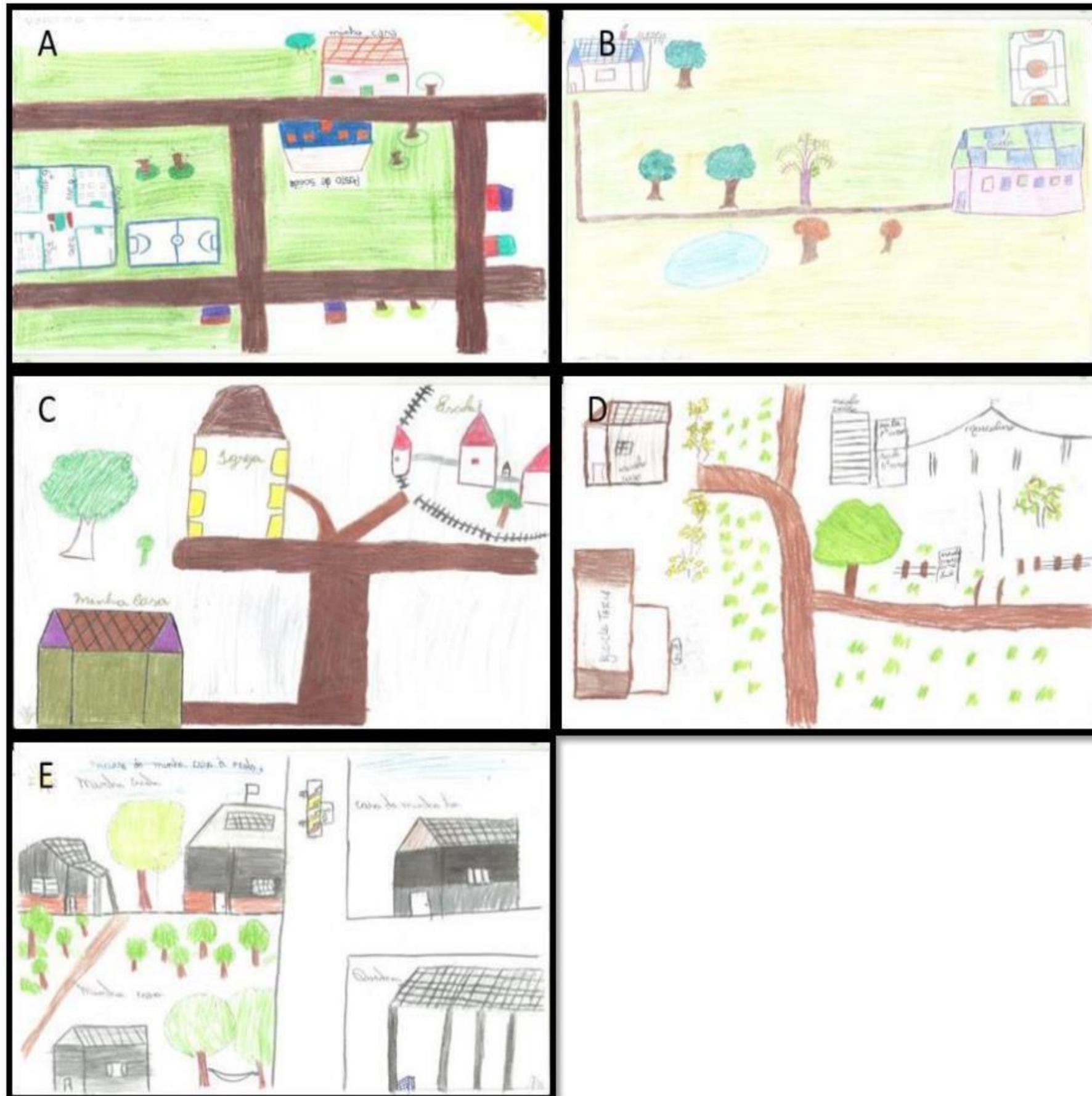
O mapa mental do aluno B (Figura 22) em seu trajeto que faz a pé todos os dias, é bem próxima a escola, quase na frente da Lagoa que existe na Aldeia, em sua casa possui antena para TV, casa grande e que possui também fogão a lenha. Em seu trajeto se depara sempre com árvores frutíferas (manga, pé de coco, e também algumas árvores que secaram que fica próxima a Lagoa). Utilizou-se várias formas geométricas para compor o desenho. A escola é grande com muitas janelas e apenas uma porta, o telhado é bem colorido. A quadra de esporte que se encontra ao fundo da escola, e muita grama.

O mapa mental do aluno C (Figura 22) em seu trajeto até chegar a escola passa pela grande Igreja com seus respectivos bancos, árvores. A escola fica mais ao canto, lado direito da folha, mostrando a cantina com sua janela de servir o lanche e uma parte das salas de aulas de ambos os lados, corredor que liga os espaços, ao fundo um espaço que contém um depósito e o banheiro dos professores. A casa é bem grande com telhado bem alto, sem portas e janelas, algumas árvores pelo caminho.

A representação do mapa mental D (Figura 22) foi um dos mais perfeitos em relação a localização dos signos, ao local de moradia do aluno e o seu trajeto. Ele mora do lado esquerdo a escola. É a rua do lado da escola, bem próximo a uma bicicletaria, onde existem várias plantações de pingo de ouro. Há um movimento constante de veículos nessa rua, muitos elementos naturais (árvores, gramas). Desenhou a escola Marcolino Lili e onde era a escola antiga, que fica próxima a sala do 6º e 7º ano. Desenhou os pilares da escola e o portão com a cerca que dá acesso a ela.

O mapa mental do aluno E (Figura 22), o aluno mora em frente a escola. Desenhou uma parte da escola com janela, porta e acesso a internet e a sala de aula do 6º ano, com sua varandinha, uma rua que separa a escola da quadra de esporte, rua movimentada por veículos e a casa da tia. Os elementos se encontram desenhados aleatoriamente. Algumas árvores e gramas.

Figura 22: Mapas Mentais percurso da casa / escola



Separaram os espaços em quadras, para conseguir localizar e distribuir os elementos encontrados pelo caminho, formas geométricas diferenciadas, cores vibrantes, elementos bem distribuídos na folha, ruas sinuosas, estreitas, largas ou finas, palavras para definição dos lugares.

Conforme destaca Kozel (2008 p. 74):

O mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos valores, atitudes e vivências, e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais.

Observando os mapas mentais confeccionados por esse grupo de alunos, foi o trajeto delimitado por elementos naturais e culturais, se sobressaindo à descrição deles bem relacionado ao local que eles consideram como muito importante para o seu dia a dia, que é a escola. A partir do ponto inicial, a escola, estabeleceu como era feito o trajeto. Nota-se como é importante estabelecer e explicar conteúdos de suma importância para esse tipo de atividade, como o estudo, por exemplo, da cartografia de uma forma bastante ampla, mas que demanda tempo e paciência. Pela ementa curricular do ensino fundamental esse conteúdo é visto somente no 6º Ano, tendo pouca disponibilidade de horas aulas para esse fim.

Neste trabalho os alunos teriam que transcrever os diferentes significados do que os seus sentidos (visão, olfato e audição) perceberiam, e para Kozel (2008, p. 77) “apesar de o grupo ter percorrido o mesmo trajeto, diferentes leituras ficaram evidentes, tendo em vista valores, trajetórias e visões do mundo também diferenciados”. O trajeto feito pelos alunos de casa até a escola é permeado por diversas paisagens e significados. Esse trajeto pode ser feito de ônibus, pois alguns alunos moram em outras aldeias, que pelo fato de ter uma disponibilidade do transporte nos últimos anos, acabam podendo escolher onde querem estudar. Dessa maneira as comunidades acabam tendo uma aproximação maior com uma significativa relação de amor e ódio. A paisagem vislumbrada por esses estudantes (Indígenas) ao longo do seu trajeto é bem diferente da visão do trajeto que um aluno que mora na cidade faz.

Falando em representações e experiências, Kozel (2008, p. 77) destaca:

Uma experiência vivida na docência da Disciplina de Estudos de Percepções no Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná(UFPR): o estudo teórico / empírico denominado **Centro de Curitiba – que espaço é esse?** foi desenvolvido com o intuito de aguçar a percepção relacionada ao olhar, aos sons e cheiros e suas representações referendadas nos mapas mentais como enunciados.

Conforme mencionado anteriormente, os alunos participaram ativamente no desenvolvimento das atividades, demonstrando dedicação e aprendizado.

Entender e trabalhar com mapas mentais com a turma dos sextos anos, foi uma das melhores opções no ensino-aprendizagem. Já que esses alunos passam a ter uma quantia maior de disciplinas e professores e cada um com uma metodologia ou forma de trabalhar diferente. Como é uma clientela que fala a língua Terena e o português. E esses alunos têm uma visão diferenciada em relação ao meio onde eles vivem. O trabalho ficou muito interessante, pois passaram a ser proprietários das suas construções e até nas conversas, dialogando como cada um fez com seu mapa mental sendo bastante produtivo. Pelo pouco tempo que tivemos para colocar em prática, os alunos se saíram muito bem em relação aos conteúdos ministrados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi o de buscar uma metodologia que possa ser adaptada ao ensino de Geografia, a fim de que o aluno se interesse mais pelos conhecimentos que a disciplina pode oferecer. Metodologia essa já existente no meio acadêmico, a metodologia dos mapas mentais, buscada e aperfeiçoada por Kozel.

E como relata Richter (2010 p.129) “que o mapa mental é uma representação muito particular de um individuo, mas que dialeticamente possui objetos integradores que são resultados de leituras coletivas, de práticas sociais”.

A experiência trabalhada com alunos do 6º Ano de uma escola indígena nos mostra quão diferente são os pensamentos e preocupações dos alunos em relação a novos desafios. Por ser uma comunidade indígena, os desafios são grandes, principalmente por se tratar de educandos com uma visão de mundo um tanto diferenciada em relação aos da cidade.

A escolha pela turma do 6º ano foi uma tentativa de buscar entender o porquê de tantas dificuldades em relação à disciplina de Geografia. Entendemos que essas turmas saem de um ciclo onde três professores ministram as aulas, um de Língua Terena, um de Educação Física, e um professor que ministra o restante das matérias, como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, com tons de voz, com metodologias, com ensinamentos diferenciados para a realidade dos mesmos. Chegam ao 6º Ano agraciados com as novas mudanças, mas com dificuldades em relação às trocas de professores.

O papel do professor de Geografia seria de extrema importância no ensino a partir do 3º Ano, onde poderia trabalhar melhor a Geografia segundo alguns conceitos fundamentais como, por exemplo, as diferentes paisagens, a cartografia, os temas relevantes que acontecem no dia a dia do mundo como política, economia, religião, cultura. Sempre tem aquela pergunta: para que estudar geografia? Para que formar professores de Geografia? É necessário a valorização desse profissional, pois a ele cabe a necessidade da interação com as demais disciplinas, adentrando a todas as outras ciências. Permeando pela matemática quando se trabalha cartografia, estatística, passando pela História quando faz um retrocesso dos acontecimentos do passado para explicar os acontecimentos de hoje, quando se utiliza da língua portuguesa para uma formatação correta e precisa da leitura e da escrita, e assim por diante.

Esses educandos (indígenas) possuem característica e modos de pensar e viver de forma bem simples, muitas vezes calados, pensativos, mas que guardam conhecimentos e saberes incríveis em relação ao lugar onde vivem. A princípio a metodologia dos mapas mentais foi pensada por suas características como uma forma do aluno saber fazer uma leitura e

interpretação de textos, levando o seu entendimento para a confecção dos mapas mentais, através do conhecimento que os mesmos tinham de sua vivência fazendo um percurso juntamente com os materiais didáticos contidos no referencial curricular de Geografia. A relação com os alunos indígenas sempre foi muito respeitosa. Com a metodologia dos mapas mentais observou-se que os alunos conseguem entender de forma clara e atenta a conteúdos de Geografia, passando para o papel o que conseguiram entender do assunto tratado e ainda conseguem descrever oralmente o que foi feito por eles.

Para Kozel (2008 p. 74):

O mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos valores, atitudes e vivências, e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais. A linguagem aparece como uma semantização que os sujeitos fazem de seu espaço vivido ou uma modalidade privilegiada de representação. Essa linguagem é referenciada por signos que são construções sócias.

Com essa metodologia buscou a interação entre os alunos, pois tinham que sentar em grupos para desenvolver tanto as atividades teóricas como as práticas, mantendo sempre uma relação de amizade e respeito, além de que cada mapa mental era feito e descrito pelos alunos como uma forma de compreender o que eles conseguiram elaborar. A aplicabilidade dessa metodologia requer conhecimentos e habilidades para fazer com que o aluno interaja com a mesma.

A metodologia proposta para este trabalho, num primeiro momento foi abordada somente com alunos do 6º Ano para compreender como eles poderiam aprender as matérias de forma mais acolhedora e também mais complicada para eles. Mas ela pode ser referendada para os anos seguintes e também para outras disciplinas, onde o aluno tenha uma dificuldade de aprendizagem, ou como forma de fazer os alunos interagir com os colegas da sala de aula.

O trabalho teve suas dificuldades e suas particularidades como em qualquer outra atividade. Um primeiro esboço foi lançado e com o tempo pode ser aprimorado cada vez mais, incentivando a prática docente, a busca por novas formas de se trabalhar a Geografia com novas frentes de pesquisa, seja com a metodologia dos mapas mentais, ou com qualquer outra metodologia que faça com que nossos alunos consigam compreender o mundo através da leitura dos textos e de mundo vivenciado por eles, onde quer que estejam vivendo. Podendo aprimorar - lá para suprir a necessidade simples de fazer com que o aluno se interesse cada vez mais pelo ensino da Geografia, tanto do 6º ano, como os demais anos do ensino fundamental. Como diz Richter (2010 p. 115):

O que queremos salientar é a necessidade de incluir, cada vez mais, novos recursos e, principalmente, novas linguagens que nos permitam ampliar o conhecimento geográfico para além das “quatro paredes” da sala de aula. O aluno precisa estabelecer relações entre os saberes aprendidos na escola com a prática da vida cotidiana.

Em conformidade com todas as atividades feitas nesta pesquisa, nos demonstra o quanto é válido e prazeroso para os professores (indígenas e não indígenas) que desejam e almejam conquistar seus alunos, através do conhecimento, integrando formas metodológicas já existentes dependendo do contexto de vida de cada aluno. Através dos mapas mentais como metodologia, compreendemos que a geografia pode ser estudada de uma maneira bem flexível e atraente para nossos alunos, deixando-os livres para representar da maneira que sentem e vivem o espaço onde moram, e até mesmo buscando no seu inconsciente respostas a suas próprias indagações. Lembrando sempre do lugar de sua existência e pertencimento, nesse caso ser uma comunidade indígena, com valores e princípios diferentes em sua totalidade, mas que buscam cada vez mais fazer parte desse nosso mundo globalizado e integrado. Procurando sempre não perder sua essência assim como seus valores culturais, através da língua falada, o Terena, assim como seus valores culturais. Fazendo com que seus conhecimentos sejam cada vez mais repassados e agraciados pelas comunidades não indígenas, que muitas vezes não conhecem a sua história, somente aquelas que advêm dos livros didáticos.

Os resultados obtidos em relação ao grupo dos mapas mentais relacionados a localização da escola deixou bem nítida a relação de como está estruturada o formato da escola, com todos os elementos presentes em seu interior e também a seu redor. Perceberam a importância e os vários tipos de vegetação presente nas proximidades, a lagoa que em épocas passadas serviam como única fonte de água para a sobrevivência da comunidade indígena e que hoje se encontra seca. Entenderam que atualmente existem poucas vegetações naturais, em detrimento as mudanças ocorridas no espaço geográfico, e que nas Aldeias também há esse processo de transformações, onde eles, os indígenas, também fazem parte dessas mudanças, alterando o espaço onde vivem, de forma menos agressiva, interagindo com as demais populações. Em relação a organização do espaço onde moram, o seu quintal, tiveram certa dificuldade em delimitar o que existia de paisagem construída, pois não são lotes divididos em espaços como os da cidade. São terrenos maiores, cercados por árvores ou por arames, não existe muro entre os terrenos. Por serem grandes os terrenos, cada familiar que se casa constrói uma casa no mesmo terreno. Com os mapas mentais relacionados ao espaço rural e urbano, entenderam como funcionam, como são delimitados e quais os elementos que constituem cada um. Em se tratando do assunto relação ao percurso que os alunos fazem de casa até chegar a

escola ficou bem claro a dificuldade em se tratando de distâncias, trajeto, localização. Essas dificuldades foram observadas pelos próprios alunos quando foi feito o retorno a escola, no final do ano de 2018, para verificar o entendimento em relação aos mapas mentais construídos por eles. Dificuldades em relação a direção norte, sul, leste e oeste em relação ao objeto principal, a escola. Mas o importante é que quando foram fazer a leitura dos mapas, os alunos conseguiram perceber os erros. Sendo assim, me sinto gratificada em poder dizer que o trabalho utilizando os mapas mentais como forma metodológica, resultou neste trabalho maravilhoso. Percebemos a importância do professor de geografia, quanto a flexibilidade que é necessário quando existe a busca constante para um melhor aprendizado para os alunos. É necessário construir e reconstruir formas para um melhor aprendizado, integrando conteúdos e metodologias diferenciadas, e um professor que faça essa ligação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, David L.R. de. **Mapas mentais para o ensino da Geografia: praticas e reflexões em uma escola de Campina Grande.** PB – João Pessoa, 2015, 242 p.
- BERGAMASCHI, M^a Aparecida; DALLA ZEN, M. I. H.; XAVIER, M. L. M. F(ORG). **Povos indígenas & educação.** Porto Alegre. 2012, 2^a edição. Editora Mediação.
- BEUREN, E. P. Formação de professores de Geografia à luz das metodologias ativas de ensino: Desenvolvendo projetos interdisciplinares na Educação Básica. Univates – Centro Universitário Univates – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu – Mestrado em Ensino. Lajeado, março de 2017.
- BONIN, Iara Tatiana. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, M. A.; DALLA ZEN, M. I. H.; XAVIER, M. L. M. F.(ORG.) **Povos indígenas e educação.** 2 edição. Porto Alegre: mediação, 2012. P. 33 – 48.
- BRASIL -Estatuto da Criança e do Adolescente. Secretaria de Estado de Educação – Lei Federal nº 8.069 / 1990
- BRASIL – Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/ Secretaria de educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 P.
- BRASIL – Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 2001. 166p.: il.;16x23cm
- CARDOSO, Larissa C. B. Alfabetização em Linguagem Geográfica e Educação Ambiental: O cotidiano de professores e estudantes em Aquidauana. Aquidauana, MS, 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas, SP: Papirus, 1998. 183 p.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas, São Paulo: Ed Papirus. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. 16^a Edição, 2010, 192p.
- CASTROGIOVANNI, A. C., CALLAI, H. C., KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia: práticas e textualização no cotidiano.** – 11 edição. – Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: A geografia.** Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010. 143 p.
ISBN 978-85-7244-490-3

CLAVAL, Paul. Uma ou algumas abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana?/ In: SERPA, Angelo./ **Espaços culturais vivencias, imaginações e representações.**/ Salvador: EDUFBA, 2008. P.9-29

COHN, C. Educação Escolar Indígena: Para uma discussão de Cultura, Criança e Cidadania ativa in Perspectiva **Revista do Centro de Ciências da Educação**, vol. 23, n 2, 2005, pp 483-515. Disponível em <goo.gl/f4ioPm>. Acesso em 16 jan. 2017.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

GASPARIN, J. L.; PETENUCCI, M. C. **Pedagogia histórico critica: da teoria a pratica escolar**, 2005.

GOIS, D. V.; BEZERRA, J. B. Metodologias Ativas no ensino de Geografia na Educação Básica. In: I Colóquio Internacional de Educação Geográfica. IV Seminário Ensinar Geografia na Contemporaneidade. “A Educação Geográfica no Âmbito Iberoamericano: Contextos e Perspectivas”. 12 a 14 de Março de 2018. Maceió (AL). 12 p.

GREGORIO, Eliezer Cece. Megaleque Fluvial do Aquidauana e sua mudanças ambientais no quaternário, borda sudeste do Pantanal Mato-Grossense. Aquidauana, MS, 2016. 90f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana.

JORDÃO, Elinéia L. P. Reflexões sobre o papel do professor indígena na Educação Escolar Indígena e Educação Indígena. **Web revista pagina de debates** – questões da lingüística e linguagem. Edição 23. 2º semestre de 2014.

KOZEL, Salete. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In Kozel, S. [et AL.] (orgs). **Da percepção e cognição a representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p.114-138.

KOZEL, Salete. Representação e Ensino. Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagogicos. /In: SERPA, Angelo./ **Espaços culturais, vivencias, imaginações e representações.**/ salvador: EDUFBA, 2008. P. 71-88

LACOSTE, Yves. *A geografia: isto serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Tradução Maria Cecília França. Campinas/São Paulo: Papirus, 1988, 263 p.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L. Geografia Homem & Espaço. 6º Ano. 26 edição. São Paulo. Editora Saraiva, 2015.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L. Geografia & Espaço. 7º Ano. 24ª edição. São Paulo. Editora Saraiva, 2015

LUCIANO, Gersem dos Santos – **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação continuada, alfabetização e diversidade. Coleção Educação para todos; 12 – 224 p. 2006 – ISBN 85-98171-57-3

MAGALHÃES, G. B., NETO, F.O.L. A geografia e a educação indígena: uma análise dos documentos normativos. **Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas**, V.3, n 5, p 82-87, jan./jun., 2013.

MALANSKI, L. M. representação do espaço escolar a partir do mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista – Curitiba, 2013, 118 p.

MEIRA, Francieli de Oliveira – **O ensino da Geografia nas escolas indígenas de Nioaque/MS** – 138 p. 2016 – Dourados /MS (UFGD)

MEIRA, F.O., NUNES, F.G. As contribuições do ensino de geografia para a efetivação da interculturalidade nas escolas indígenas de Nioaque/MS, **XI Encontro Nacional de ANPEGE, 09 a 12 de outubro, p.11.**

MESQUITA, C. R., PONTES, B.C.L. Artigos acadêmicos – Educação Indígena: A Ponte Geografia do ensino, 27 de Maio /2009. **Disponível em <goo.gl/8E2HZV>. Acesso em 16 jan. 2017.**

MELIÁ, Bartolomeu. **Educação indígena e alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979

MORAES, J. V.; CASTELLAR, S. M. V. Metodologias Ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. Departamento de Educação, Universidade Federal de São Paulo, Brasil. Revista eletrônica de Enseñanza de Las Ciencias. Vol. 17, nº 2, 422-436 (2018).

NEVES, J. **Um porto para o Pantanal:** a fundação de Aquidauana: civilização e dependência. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

PEREIRA, Robson da S. **Geografia Coleção A reflexão e a prática no ensino.** Volume 7. Marcio Rogério de oliveira Cano, Coordenador. SP: Blucher, 2012, 204 p.

PEREIRA, G. L. L., NUNES, F.G. A geografia na educação escolar indígena: um análise com base nas escolas indígenas da Amambai (MS), **8º ENEPE – UFGD. 5º EPEX UEMS, Encontro de ensino, pesquisa e extensão.**

PONTUSCHKA, N.N., OLIVEIRA, A. U. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa,** 3. Edição – São Paulo: Contexto, 2006.

PONTUSCHKA, N.M.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. / representações gráficas na geografia/ in: _____./ **Para ensinar e aprender Geografia.**/ 3º edição./ são Paulo: Editora Cortez, 2009./ p. 292 - 319

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador** – caminhos para uma prática de ensino. Coleção Educação Popular. N°05. Edições Loyola, SP, 1986.

RICHTER, Denis. **O mapa mental no ensino se geografia:** concepções e propostas para o trabalho docente. SP: Cultura Acadêmica, 2011, 270 p.

RICHTER, Denis. **Raciocínio Geográfico e mapas mentais:** a leitura espacial do cotidiano por alunos do ensino médio. Presidente Prudente: [s.n], 2010. XX, 320 f.: il.

RODRIGUES, Aline C. L.; RICHTER, Denis. **A construção de mapas mentais e o ensino da geografia**: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares, v. 02, nº 03, p.02-12/out./mar. 2013. Disponível em: < goo.gl/njrhkq>. Acesso em 20 jan.2018.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANT'ANNA, I.M. **Por que avaliar?** Como avaliar? Critérios e instrumentos. Petrópolis: vozes 1995.

SAVIANI, Dermeval, 1944 – **Pedagogia histórico – crítica**: primeiras aproximações 11. ed. rev. – Campinas, SP: autores associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea)

SILVA, J. R. S; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: Pistas Teóricas e Metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. Ano I – Número I – julho de 2009. www.rbhcs.com. ISSN: 2175-3423.

SOUZA, Jose Otavio catafesto./Reconhecimento oficial da autonomia e da sabedoria dos agentes originários e reorientação do projeto (inter)nacional brasileiro./ in: : BERGAMASCHI, M. A.; DALLA ZEN, M. I. H.; XAVIER, M. L. M. F.(ORG.). **Povos indígenas e educação**./ 2 edição./ porto alegre: mediação, 2012. P. 17 - 31

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia**: O desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

VARGAS, I.A. Territorialidades e representações dos terenas da terra indígena Buriti (MS): possibilidades didático-pedagógica. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008; p. 91-115. ISBN 978-85-232-1189-9

VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992.

VESENTINI, J. W. ; VLACH, V. O espaço social e o espaço brasileiro. Geografia Critica. 6ª série. 3º edição. São Paulo. Editora Ática, 2006.

VESENTINI, J. W. (org.): **O ensino da geografia no século XVI**, 7º edição: Papyrus, Campinas, São Paulo, 2013.